

ribeira Sobro; o amanuense do museu cha-
 mado Prego; o Gesar dos correios e telegrafos;
 um ricão do termo, Ambrosio Maria Vicente,
 subido parento farmacêutico da armada; e o
 Albarinho da loja, o grande Albarinho chara-
 dista. Vamos a pé, á excepção do amanu-
 ense da fazenda que ia num burro e do Alba-
 rinho que ia num macho.

Uma manhã esplendida; tuesco-fresco
 admiravel; umas nuvens com uns
 raios avermelhados era a unica coisa que ha-
 via no céu; ó volta, os montes, ainda com
 fraca luz, mostravam-se uniformes; e a
 caravana lá foi, meargem da ribeira fãra, pa-
 ra montante, pelo caminho talhado na rocha
 abrupta, até á subida pedregosa que trepava
 á parra.

Olhei o relógio; quando chegamos ao al-
 to, depois do subir, subir, subir, quer pas-
 sando por cima de pedregos, quer através de
 pinheirais, vendo sempre umas sucessões in-
 findavel de pedras, encadeadas com regulari-
 dade, como grandes dentes adormecidos, quan-
 do chegámos ao alto, dizia eu, olhei o relógio:
 passára uma hora na subida. Uma hora de
 escalada valente, decidida.

At' frente iam os dois, a cavallo; atrás, os outros, conversando, contando anedotas, rindo com as paradas do Vicente que tinha muita graça e um arsenal de ditos apanhados a correr mundo. Assim, numa excelente disposição de espirito; metemos pela lousa da Serra Fria; á esquerda, um valeiro fundo onde se via a aldeia perdida de Pescansecos e mais adiante outra aldeia, não menos perdida, chamada Praçais; em frente, soberbamente, levantava-se a Serra mais alta do distrito, a Serra da Gelôla e á direita, o pccuario das serras precedia-se para os lados do Fundão e Castelo-Branco.

Eu não sei bem descrever as impressões recebidas durante essa outra hora de caminho pela lousa larga da Serra; só sei que vi serras, serras, mais serras, sempre serras, enormes, altas, descalvadas, umas com neve nos picaros, outras com sulcos fundos de valeiros onde a agua devia correr impetuosa para as folhas ribeiras cá de baixo. Só visto; não sei mesmo se alguém, por mais rigor de prosa que possua, pôde descrever a maravilha que aquilo é — a que a luz da manhã dava um tom superior, estabele-

cendo contrastes, destacando planos, aveludando a aspereza de tanto metalgal, grombeando chispas de alegria na neve eterna dos altos. Só visto.

Arrim, seguindo lombas colantes, reparando avidamente em tudo, cheguei a um ponto em que o escrivão de fazenda me disse apontando com o varapau para a frente:

— Ali tem o meu alferes o Gabriel...

É o chefe dos correios, para não ficar inferior em inferências:

— É ali os rochedos do Vidual!...

Parei, então, a olhar, encostado ao varapau, para fixar tudo, para ver no netinho todo aquelle scenario de prodigio; mas a verdade é que não sei descrever o que então vi na minha frente.

Só disse, para aqui deixar qualquer coisa que para o futuro me recorde este dia individual, que, adiante, cruzada com a Serra em que estávamos, corria uma outra, pedregosa, em cujas encostas afloravam pedregos enormes e em cuja crista uma série de rochas descaídas, seguia ininterruptamente, de extremo a extremo, amonilhadas, pelo mexo, como esqueleto dum dor-

no bojudo e que as águas de peuclos tiráram a carne e deixaram o descoberto a estrutura disforme. A' direita, entre duas oliveiras, estava uma aldeola, com uma capelinha branca onde, naquele momento, tocavam alegremente á missa em ladadas que vinham pelas quebradas com infinito pitoresco: era o Gabriel. Mais á direita, a terra inabarcável - se num rasgão fundo, aberto nos rochedos, rasgão, abertura, garganta, desfiladeiro - ou o que lhe queiram chamar - que desaparecia a uma enorme profundidade, esvaziada, regular, como que talhada pelo Hércules da fábula em dia de bom humor e em occasião de noção de pimebria... E a terra seguiu para o sul, com a crista erigida dos enormes pedregulhos descarnados que já vinham do norte e lá se perdia adiante, por entre o aglomerado infinito de pedras.

Erão estes rochedos que, junto da garganta, tomavam proporções colossais, os chamados rochedos do Vidual.

Que soberba curva!

Do local onde parei até lá, ainda ia, pequena, uma boa legua; e pelo caminho ia vendo, seguindo as veredas, quase caminhos de

cabras, a gente dos casais e das aldeolas da freguesia, em longas filas, uns atrás dos outros, a caminho da missa.

O sol já dava nos valesiros fundos e a vista só alcançava um pceário enorme de serras sobre serras dominadas pelo maciço central da Estrela a brithar, a brithar, coberto de neve.

Começámos, então, a descer um pouco e daí a nada estávamos no Cabril. Um pequeno agrupamento de casas com telhados de ardósia negra com pedregulhos; ruas com muito para curvir; nenhuma casa com cal além de igrejinha pitoresca; umas oliveiras a rasparem ~~ruas~~ por entre os casebres negros: eis aqui a inumerável aldeia do Cabril, péde de freguesia!

Erão 8 horas e um quarto: todos disseram que andámos muito bem porque o caminho teria cerca de 3 leguas bem feitas. Era ali, naquela aldeola pendurada na encosta, que iríamos almoçar; e numa das casas, toda fechada a papel por dentro, com tecto de madeira aparelhada onde se cruzavam fiadas de ruações, estava uma mesa posta com pratos de Sacauem, com vinho e

com brão, numo simplicidade rusticã que ajuda a abrir o apetite... Juntou-se-nos então o Padre Gaspar, um belo moço de Pescansêco que tem ardeus de diácono e está á espera, naquelas serranias metais, que lhe chegue a idade para tomar ardeus sacras; appareceu, tambem, o professor do lyceu, um rapaz novo, de grandes botas perranas pelas quaes ganhou a alcunha de botifarras; e supuzto não vinha o aluogo, eu com uma guitarra, o padre Gaspar com um bandolim e o escripturario de foreudo com o violão — dedithámos ternamente um fado, doente, cheredinho, sentimentalissimo, que devia escandalisar aquella forte e máscula natureza que nos rodeava mas que fez juntar, com respeito e atenção, quasi todos os peltageus do lyceu...

E quando o aluogo veio, de bacalhau e atum (atenta a prohibição quaresmal que nestas terras se cumpre com devota impostura) nós fizemos-lhe as honras, belamente, por entre conversas alegres e troca curiosa de impressões pessoais. Depois, fui ver a igreja cujo tecto, cheio de pinturas herendadas e a delicia das gentes da terra; pinturas treucadas de todas as victorias de santos sobre os demo

nios, desde o classico S. Miguel até ao mais moderno S. Frei Gil ou outro qualquer parecido... Um polve distribuidor rural disse-me respeitosaemente:

— Oh meu alferes! olhe aquelle desuo-
nio, ali... aquilo é que tem mesmo uma
cara de respeito!...

E o Vicente, com a irreverencia pro-
pria de quem tem corrido muito mundo, ao
olhar para as honradas carantonhas, disse-
me, a rir:

— Be sempre aqui ha cada marisla!
Mas eram horas de pegar.

Pela encosta fôra, por um caminho de
carros de bois, lá fomos para os penedos do
Vidual. No fundo, muito no fundo, corria
a ribeira do Unhais, pedregosa, saltitante, por
entre blocos alegres de espuma; e ao dobrar
o monte, adonte um bom bocado, o escri-
vão de pseudo, polido e inteligente ciceroni,
susteve-me levemente, apontou o varapau,
e disse-me com evocação:

— Veja e admire, meu alferes...

Eu parei, encostei-me ao cajado, le-
vantei ao de leve a alca do chapéu, olhei pa-
ra aude o Castanheira Lobo que apontou, e fi-

quei, sem exagero, surpresendido. Aquilo que ali via era a fortuna de qualquer recanto Suíço ou qualquer região italiana e ~~era~~ teria as heuras de grandes castores anunciati- vos; mas escondida entre estas rochas, aque- la beleza natural, meu mesmo era apreciada pelos nativos do coucelho, selvagens quase, ignorantes na sua maneira, contrarios todos a que as estradas rasgasseu aquelas agueras.

Soberba, maravilhosa cerra!

Oh bem os rochedos do Vidual que eu tinha já visto a mais distancia e agora ali tinha, jun- to, solhos, murres, num conjunto sem igual, numo maravilha paesografica que ex- cedia toda a expectativa. Não sei tambem es- crever o que senti nem o que vi.

Fiquei-me, quase esquecido a olhar pa- ra aquella cerra em anfiteatro, elevada qua- se abruptamente, coroada de rochedos num amontoamento apocalitico; fiquei-me qua- se alheado, a olhar para aquella gargante por onde passava a ribeira em cantões, me- donho porvedeiro pintado e amarelo do eu- xofre que escorria das fendas da rocha; ~~era~~ fiquei-me a olhar, embasado, para aque- le pequeno vale, em baixo, com umas cari-

tas entre verdura (a que a prosopía popular chamou o Vale-Grande!), com umas propriedades alegres, ricas, por meio das quais vinha ~~como~~ perfumando a água da ribeira, depois de cair, de pedra em pedra, do desfiladeiro. Fiquei-me a olhar para tudo, a ver se fixava tudo, para deixar no papel as impressões; mas, não, não sou capaz de transmitir ao papel aquilo que vi e que senti, naquella empolgante península de montanhas, a que o contraste daquella garganta infernal, verdadeiro modelo para Gustavo Doré, dava um impressivo sabor de maravilha.

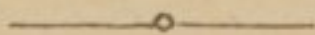
Despedi-me dali, daquelle encantamento, para não obrijar a caravana a uma paragem demorada.

— Vamos lá ao Vidual!

Tínhamos que seguir a curva da pedra e transpormos o desfiladeiro em certa altura dos rochedos; com o andar, cada vez os pedregulhos da crista frangeira aumentavam sucessivamente de tamanho e mudavam de côr para mais negros; o amontado tornava-se mais disforme e os risos amarelos do enxofre faziam-se mais largos, mais fumelares mais aparentes.

Do aproximar-me da garganta, a impressão de beleza ia-se transferindo em uma ligeira ofressão; em volta, tudo perevo, tranquilo, deserto; do outro lado do rio, na outra encosta fronteira, um pastoreiro tocava flauta de cana, dolentemente; e o sol a juumo dava já um tom plumbeo aquelas serranias cobertas de matagal escuro.

A caravana, tomada daquela grandeza, e porventura pesada do alvoco forte, ia calada, pelo atalho estreito, em linha, ruminando consigo as impressões do momento:...



22 de março.

Quase ao chegar á garganta, quando já nos faltariam uns 300 metros para entrarmos na varagem, o escrivão do fazendeo lembrou-se alegremente:

— E se formos ali acima, aos rochedos, ver a gruta?

Olhei para cima, para o amontoado de rochas, infonavelmente sobrepostas, para ali, ao Deus dará, na crista do rio abrupta; olhei para o escrivão do fazendeo, para ver se o convite era a serio:

— Per aqui acima?

De facto, em frente, havia um amontoamento de rochedos até grande altura, acompanhando quase o declive da pedra; lá no alto a crista aguda, numa infernal aglomeração — de modo que, a subros que não nós, a subida parecia impossível. Escolheram-se os fortes, os que não se fessam de coração nem tivessem dificuldades de puluições; os subros foram mandados para o Vidual como incapazes, pelo atalho plano; e no meio de alarido de entusiasmo começámos, não a subir, mas a trepar, de rochedo em rochedo, com pés e mãos, numa escalada autêntica, escurregando, desaparecendo do subro uns pedados, subindo ao alto de subros com impoñencia, dando gritos alegres, dizendo um subro memorilato de admiração.

Cada vez, o panorama era mais extenso e cada vez, na nossa frente os rochedos se aglomeravam com maior barafunda; o Vicente, que tinha sempre a partes para tudo dizia, apontando para um tremendo pedregulho que se elevava sobre uns subros com os seus 3 membros de altura:

— Sua bela pedra para um alfinete de gravata!

E assim, entre ditos e escorregões, levámos um ou mais metros na escada, guiados por um pastorinho bexigoso que nos advertia a todo o momento do pédo do corrinho. A certa altura, o pastor, levantando o braço, dum reconceito ou de se metero, brodeu:

— Estamos na gruta!

Olhei para o local donde viera a chamada: havia, de facto, uma pequena abertura, que não teria um metro de altura: era a gruta misteriosa, a gruta das moiras encontradas, onde havia riquezas sem fim e se ouviam cantos maravilhosos. Bebeu-se um cox de vinho do Porto dum garrafa que alguém providencialmente levára; fez-se um pequeno descanso considerando aquelle buraco nas rochas, entrada para o misterio; olhou-se para baixo, por entre as pedras, para as perrenias bravas que se perdiam por esse Portugal fóra — ao mesmo tempo que uns pastores iam juntando muito reco para dar luz ao subterraneo.

Com este descanso e umas ligeiras considerações philosophicas acerca da entrada no

reio da terra-mater, reunimos nos furtos para descermos ao poço pelo fundo das moirras encantadas e ouvir-lhes o canto suavissimo. Os pastores acenderam o mateo peço que juntaram pelos recantos das rochas e entraram; eu e o escrivo de fazenda, resolutamente, acocoramos-nos, recolhemos o pescoco e entramos tambem quase de galas pela passagem, felizmente curta; couse de um metro, pouco mais ou menos, o tecto daquelle tunnel natural elevava-se e podémos nos levantar — e aí seguimos nós por uma galeria estreita, de declive rapido até uma especie de sala, mais ou menos circular, de abobada alta, com aspecto de certas capelas pentanejas.

Aqui, os pastores lançaram ao chão o mateo que ardia, couse archotes, e commoçaram a dançar uma dança confusa, sem grande mexo, mas que, naquelle ritmo e com aquella luz que projectava sombras fantasticas, tinha qualquer couse dum ritual de bruxaria . . .

A' direita seguia outra galeria que levava a um poço onde, segundo a lenda, estava uma enorme quantidade de barras de

airo escondidas pelos moinos; perguntando-me se já houve um dia uma tentativa de esgotamento do poço pelos povos dos arredores, mas depois dum dia de cansado trabalho de dezenas de homens, a água de quele poço de maravilha estava ao mesmo nível, sempre á mesma altura!

À esquerda, havia uma escadaria estreita em que se notava mais o artificio do homem do que o acaso da natureza; a escadaria descia, descia, metia-se pela terra dentro, não se sabia para onde!

Com estas coisas todas que provavam aquelle esconderijo misterioso, explicavam-se os medos dos pastores e aquelas danças rituais para afastar os demónios; e o q. é certo é que, como o fogo levantado com as danças, como as chamas do fogo a arder já um tanto murchas, como as sombras projectadas na abobada e nas paredes cada vez mais fantásticas — eu deixei-me ir, também, pelo estranho de tudo aquilo; sem querer, comecei a sentir um tiqueco de frio e vagamente atreui-me com a ideia de que o fogo se apagava e ficávamos, ali, ás escuras, a caminho do centro da terra,

quase nas garras dos demónios . . . Olhei para o escrivan de fazenda : com a luz nas vistas que estava , pareceu-me ver-me um ar de aterrado . . .

Olhei em volta , mas não dei com a saída ; a dança , felizmente , acabára ; um dos pastores indicou-me o caminho ; subi rapidamente a galaria , acócerai-me , transpuz a boca da entrada e eis-me de novo ao ar livre , á luz do sol , entre o amesbamento de rochedo , ao pé dos companheiros . . .

Estes , perguntaram-me que tal achára a caverna ; eu , bebendo uns goles de vinho do Porto , respondi :

— Aquilo . . . deve ser o Inferno pouco mais ou menos . . .

Mas era a hora de continuar .

Tínhamos que transpôr a crista da pedra para descer ao Vidual ; e aí começamos de novo a subir , a subir , trepando , trepando , de rochedo em rochedo , de equilibrio em equilibrio — até que conseguimos atingir o rochedo mais alto .

Solentis , magnificis censis !

O escrivan de fazenda disse-me que devíamos estar a cerca de 1000 e tal metros de

altitude; para a frente, a Estrela, branca
 com a neve; sobre a direita, com o binocu-
 lo, avistei a cidade de Castelo-Branco e pa-
 ra diante a terra chã (como se chamam ao
 alto Alentejo); apontaram-me a direcção de
 Castelo de Vide, mas a pouca visibilidade da at-
 mosfera não deixou ver; mais para a direi-
 ta, a sucessão interminável de serras, qua-
 se uniformes, descendo para o vale do Tejo;
 lá no fundo, o vale, apertado, escuro, onde a
 ribeira de Unhais corria venturada; na escos-
 ta em frente, relinchos pastando numa tran-
 quilidade paradisíaca.

Magnifica, soberba causa!

Mais dum quarto de hora ali estivemos
 a olhar; eu perguntei constantemente infor-
 mações, orientei-me bem, olhei para tudo,
 veli as impressões de momento com ansia
 — e foi confortado, por completo, com aquelle
 scenario que eu considerei em deixar o trono
 esplendido de pedregulhos para descer ao va-
 le... Descer?

Imagina lá alguém o que foi aquelle des-
 cida! Em cada cinco metros de diferença de
 nível, olhávamos para trás e ficávamos de
 boca aberta:

— Como descemos nós por aqui?

É que, na realidade, nos parecia impossível ter-se descido por ali, por aquela cascata de pedregulhos sobrepostos, sem tãem nem porre; e no subitanto a caravana lá desceu alegremente e chegou cá abaixo sã e salva. Lá de baixo olhámos de novo para cima: atemor-nos a ideia de que tivéssemos ali descido, mas o certo é que ali estávamos sem novidade.

O resto da descida, pela encosta pedregosa, nada foi comparado com a primeira parte; e de novo em pouco estávamos no local de Baixo — pobre aldeola, acamada no pendão da encosta, acolhida á sombra dos rochedos do norte de Vermel garganta.

Curiosa aldeola aquella, naquella fim de mundo, ali escondida sob telhados de laja, sob a ameaça daquelles gigantes de pedra! Como ali se vive! A solidão daquelle recanto de rochas, o silencio que envolve aquellas vidas!

E depois, a ameaça do despenhadeiro formidavel, pesando eternamente sobre as pobres casitas aglomeradas umas sobre as outras sem instincto de defesa; o abismo

do outro lado onde corre turbada a ribeira de Unhais, de pedregulho em pedregulho; a nudez daquelas encostas onde pastam rebanhos péssimos — tudo isto, quase me ofendeu e me impressionou grandemente.

O Sr. Laureuço, a pessoa grada do lugar, estava á espera, de braços abertos, em atitudes classicas; levou-nos a casa para descansar, e tomarmos um refresco — e logo as filhas como na Idade-média subiram com bandejas com copos de agua pura e fresquissima, com vinho, bolos e assucar e rodellas de limão.

Era um oasis aquella casa modesta, a unica que ~~nos~~ tinha telha e cal; por dentro o acciaio dá-se na vista; a afabilidade sincera dos donos commove; lembrei-me no paraizo e esqueci o inferno da gruta e o purgatorio das pedreiras...

Mas tinha que ser: a excursão ainda não realisára todos os objectivos; era necessario ir lá baixo, ao Vale Grande, ao fundo da garganta, ver de perto aquella passagem aberta pelos seculos através da perrania.

Lá fomos. Descemos por um atalho, es-
traito, declivoso, cheio de precipicios; mas lá

no fundo, entalados entre aquellas duas
aprumadas paredes, sob uma impressão de
grandeza, que novas sinagrasas tivemos!

Os rochedos elevavam-se a toda a altura,
ofuscando o polvore mental que ali se aventu-
rara; a agua descia de queda em queda, liman-
do a rocha, alimentando musgo; pelos inver-
naes, flores pituescas rebentavam, alegrando
a escuridão das pedras; medronheiros cres-
ciam no declive do penho; restos de lavas de
enxofre, amarello-esverdeado, desciam quase
abaixo; havia um enorme silencio em tu-
do: simplesmente o marulhar leve da
agua fresca se ouvia, de pedra em pedra, pe-
la garganta deusna. Uma vez por outra, lá
do alto, a viração trazia uns restos dum toque
de flauta pastérel.

Seu admiravel retiro para a meditação,
para o isolamento indelipeite, a pós com a
natureza pura!

Descançámos um pouco; em pouco fa-
lei porque o sitio me impressionava; e daí
a pouco, como tínhamos que transpôr a gar-
ganta para jurante, para o Vale-Grande, lá
voltámos a subir a encosta abrupta porque
pelo leito da ribeira era impossível.

Atravessámos o desfiladeiro por um
 atalho a uns 60 metros de altura, cavado na
 rocha a furo; descermos por um outro
 atalho declivoso para a varzeasita alegre onde
 uns meninos cantavam o pau rom-rom ha-
 bitual; passamos por uns lameiros verde-
 jantes, fecundos, onde umas cabras saltavam;
 e aí voltámos para a subida fozente do gar-
 ganta brutal, negro, formidavel, de onde a
 agua caía alegremente de queda em queda po-
 bre a terra chã; depois de uns dezentos metros
 de torturado saltitar. Do novo, na minha
 frente, se erguia a descomunal abertura, ofri-
 mindo, comprazendo, tirando alegria áquele
 vale cheio de seiva e de frescura, passando po-
 bre o pccuario alegre daquelle baixa onde ha
 choupos e palmeiros, onde as vinhas rebun-
 tavam nas fameiras toscas e a agua corria
 serena, em curvas largas, por entre o junco
 fino e marochões floridos.

Mas... eram horas do jantar. Sobre
 as rochas, á laiz de pic-nic, havia tochas
 brancas; sobre as tochas appareceram gali-
 nhas cozidas, carne de porco, presunto, cabri-
 to, tudo numa amalgama pouco respeitadô-
 ra de época quaresmal — mas saboroso, ex-

celebradamente pavoroso que naquele sitio ame-
no parece magnificamente como jantar de
príncipes!

É a garganta, a jumento, pobre nós, fazis-
me olhar para cima de vez em quando, com
a impressão de que tudo aquilo desabava e
nos soterrava para sempre... Junto á mesa
improvisada do jantar, o rochedo mais baixo,
a jumento pobre nós, teria cerca de 100 me-
tros; os outros iam por aí acima, até lá ao
alto, onde o sol ainda batia com brilho e de
onde a brisa nos trazia, uma vez por outra,
o canto triste duma flauta de pastorinho.

Caía a tarde; eram horas de partir ao
atálho e seguir por aquellas lumbas fora pa-
ra a Pau-filthosa; e, confesso, apesar de o que
são daquelles terríveis perigos, eu queria que
me ia custar a arrancar dali: voltaria algu-
mas vez mais áquelle sitio? Tornaria a ver
aquella garganta dantesca, escurecendo enxofre
infernal, torturando a corrente inocente de
ribeira, fazendo arrolhar o vento lá nos al-
tos?

Simha, pareceu, de largar dali e seguir
para a vila; era uma avanteada curiosa por
aqueles 16 quilómetros de atálhos de serras,

depois de tanta impressão inédita e forte.

— São Peters, Antunes Francisco?

Mas o sr. Lourenço do Vidual embargou a partida; que não, a ida para a Paupritose era penosa para mim e para o administrador segundo a sua opinião; nós vínhamos que ficar em sua casa naquela noite e seguir na manhã seguinte, pela fresca... O sr. Lourenço, com a innocencia maior deste mundo, desenvolveu uma serie consideravel de argumentos a que eu, ceremoniosamente, pe- nsa um pouco simulacro de objecções. De fac- to peduris-me a ideia daquella tarde e noite passada patriarcalmente em casa do sr. Lou- renço; resisti a fugir — e despedindo-me do resto da caravana que tinha, pelas suas ~~as~~ occupaões, de recolher, eu subi o atalho ingreme da encosta, abegozando uma noite tranquilla, vendo as cumeadas das ro- ras deuradas ainda pelo sol, e a escuri- dão a invadir, soberbamente, o fundo infer- nal da garganta.

Estava uma tarde serena, absoluta- mente serena; os fumos das cheminés dos raros caseiros subiam em columna, perpendi- cularmente, para o céu; na encosta, um

pastorito, a frente do rebanho que recolhia, tocava uma flauta de cana; e assim, naquella tranquillidade, respirando fundo o ar puro daquellas serranias, eu entrei na modesta mas fidalga casa do sr. Laureuço a cuja varanda as filhas ~~estavam~~ cantavam uma canção qualquer que se ia perder naquellas quebradas desertas.

Quereu cousa mais patriarcal?

Fomos todos para a varanda de onde se viam as encostas do mascaté, poluanças e ribeira; eu, o administrador e o Albano, e a família de casa, sem outros nenhum, numa encantadora simplicidade, confraternizamos logo alegremente, numa alegre e viva conversação — eu que eu atreui aquelles serranos innocentes com as maravilhas do Lisboa, os theatros, os bailes de mascaras, as velocidades do ped-express, as magnificencias dos transeptombicos, os confortaveis automoveis de luxo...

Pobre gente innocente que de grande e de mormenteado só tinha... visto a feira da Senhora de Montalto de Argemil!...

Lancaria eu, sem querer, naquellas alturas simples, o pevenuto dominho de auli-

ção, do desejo de ver, de aspirações meusas licitas?

Durante a ceia pensei muito com Kristina. Quem me mandou a mim, creatura das cidades, desveudar o real á innocencia, levantar o véi que encobre o vicio áqueles olhos puros? Estava ali a fazer o papel miseravel da serpente do Paraizo...

Em todo o caso, a ceia, parece-me bem. Depois fomos-nos deitar. Quarto pequeno, confortavel; camas de madeira do seculo XVIII; lençoes bordados de ha mais de 50 anos; rodapés inapreciveis de rendas finas; quadros de molduras do começo do seculo passado com oleografias religiosas; uma prateleira, quase ao tecto, com maças: como não havia eu de dormir regadamente, recebendo-me seguro naquella paz soberana, velado por carinhos br. pitaleiros, com o corpo sobre um fôfo colchão de palha de canções melthas que os de nuólas dos bons ludeis?

Com effeito, dormi regadamente — até que de manhã, poriam 6 1/2, ao entrar do sol pelas frechas da janela, o dono da casa, cariciosamente, veio dar-me uma excellente gemada de belo leite com ovos, cum-

gruindo um dos tradicionais deveres de hospitalidade daquelas serras.

Era a dejejua ancestral, que o sr. Lourenço vinha oferecer; lá fora o sol começava a dourar as cumeadas; debaixo da janela, vinha o ruído do garrulho dos porcos que reclamavam alguma coisa; as maçãs da jureleira perfumavam o quarto; tudo isto me chamava á realidade, me obrigava a acordar a valer, me impulsionava a saltar de cama e a vir para o ar livre.

Com a gemada confiante, sob os olhos pereneos dum berço que mostrava o seu sagrado coração em chamas numa moldura aubipa, vesti-me, e vim para fora ver a beleza do montão — conjunto harmonioso das pedreiras brancas com as encostas agrestes que o sol coloria alegremente, e a que o orvalho de noite dava um brilho especial.

Que bela montão, que beleza de luz!

Lá fora, o Antonio Francisco conversava com o professor de Douzelas, o ilustre sr. Ventura, um homem sério, de grandes gestos, feições duras, metido pelas ruínas de Wolfrano e que em toda a parte imagina topar com uma ruína superior á de Panasqueira, na serra de Be-

bôla que a casa Burnay & C.^a explora com exito. O homem, quando eu cheguei, explicava ao administrador que encobriera no quintal uma mina e que ia pedir por ela 70 contos...

— Já é... já é... disse eu, para dizer alguma coisa.

— Mas tenho outras mais bonitas, até-then logo o professor, e só eu sei onde elas estão. Uma, por exemplo, vendo eu por 500:000 reis...

— Com que outras vende minas por todo o preço?

O homem encavacou um pouco, mas o sr. Laurenceo salvou-o porque solicitamente veio mostrar a aldeia, as propriedades, um jardimito que tinha ao lado da residência, e os porcos, um cavalito, umas cabras...

Depois, veio o almoço: carne de porco excelente, ovos fritos, bolos de arôr, um vinho que mais parecia um nectar, agua pura de rocha que emboscava o copo! Que almoço no hotel Braganza de Lisboa, ou no Central, se trocarias por este? Tem que parte do mundo se almoçaria tão bem e com tão simples e boa companhia?

Estava a dar o meio dia, despedimos-nos.

Para compensar, disse ás raparigas manavilhas daquelas serras nem igual; que as cidades nada eram comparadas com aquilo; que não havia elevadores nem luz electrica das capitais que se fossem um paralelo com um aluogo como o que acabei de comer . . .

E lá voltamos para fazer eu, o administrador e o P.^o Gaspar (que nessa altura apparecia) a pé, de varapau, alegremente; e freixo, a cavallo, o Albano.

As quatro da tarde chegámos a Paupritosa.

23 de março.

Estou no final desta minha viagem á Paupritosa da Serra; depois de amanhã, segunda-feira volto para Coimbra, abandono estas serras e estes vales por onde andei em quase parreio subinvençal.

Estes dez dias por aqui passados, longe do mundo, integrado nos costumes da terra, foram excellentes.

Não valeu a pena a caminhada para desvendar estas belezas naturais? Não valeu a pena ir tão longe para ver e observar tipos

de aldeia remota que, embora tenham qual-
quer coisa de comum com os das outras terras,
las, não deixam de apresentar aspectos novos?

Neste campo, a minha observação não es-
caparam, por exemplo:

O escriptor da administração, homem es-
pedaúdo e de grandes barbas negras que por so-
bre a papelada burocratica polfejave em voz alta
unas musicas da filarmónica;

O medico, rapaz do meu tempo em Coim-
bra, que durante o tempo de estudante foi um
republicano intransigente, muscómico, carboná-
rio, etc. etc. e agora é um feroz regeneradôr
que chega a ponto de não passar atêstados a
quem for franquista ou progressista;

O Albano, o Alberninho da loja, miúdo,
grande argumentadôr politico, uma memoria
prodigiosa, e um charadista eximio;

O escriptor da fazenda, o Castanheira Lobo,
alegre e jovial, musico, contadas muitas de
muitas anedotas;

O professor de Damaelas, o sr. Ventura, de
gravata esparafada com uma cruz de Christo
por alfinete que é capaz de disserter um dia
cabeiro acerca de minas de wolfranio que ele
diz encontrar ás duzias nas serras do Zezere

e que não de tomar, dentro de pouco tempo, muito barato esse mebel tão procurado;

O Berar do correio, o perspicaz e inbeligente Berar, homem que diz mal de toda a gente da Pamphosa e que embute a conversação com ironias e sarcasmos finos, lançados com inteligência e ditos com finura;

O prior, o padre Urbano, homem respeitavel e respeitavel, que fala com pausa e cuidado e que é tarde, polidamente, nem passar para a parte de pedra, olhando com tristeza o poente e vigiando, ao mesmo tempo, uns trabalhadores que andam numa fazenda sua em baixo, sobre a ribeira;

O professor, velho veneravel de longa barba branca, calvo, com uma perfeita cara de São Pedro, com dois dentes só, que nunca perde a occasião para fazer um alto elogio á sua nascente de agua, junto do quintal, que é a melhor da Pamphosa e das melhores do concelho para não dizer do distrito!

E depois, por sobre estes homens, não esquecer a memoria do Padre Vicente, esse laudario Padre Vicente que ainda hoje domina brutalmente a Pamphosa, com a lembrança das suas violencias, do seu poder poli-

tico que acompanhava sempre todos os governos para manter o poderio, com a recordação dos seus actos de desprota pertença que não respeitava direitos nem honra dos outros.

É ainda, além disso, não escapou a minha observação a serie de factos capitais de terra em volta dos quais gira toda esta vida minuscule de aldeia — como por exemplo a paralisação dos trabalhos da colheita que ha 16 annos lá ficou suspensa na terra e que os politicos locais tem impedido de continuar com medo de que, a civilização, entrando por aí em automoveis e carros, lhes venha tirar a preponderancia sobre a gente selvagem que dominam.

É o loto em casa do Prior, coisa respeitavel, com a gravidade solene do deus da casa, com a submissão respeitosa do coadjutor, com um serviço de vinho e bôlos ás 9 horas da noite, trazido por uma mulher alta, feia, desdentada e em pécos?

É a carne de fêco, delicia, manarilha, macia, tenra, que se come sem se dar por isso e não fêca na digestão como as outras carnes de fêco?

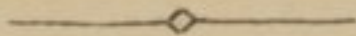
É o vinho, transparente, fraco, que se bebe á vontade, sem se sentir?

É o ar, este ar puro esado por pinhais e matos bravos da serra, afiado nas pedreiras altaneiras?

Quanto não vale tudo isto — desde as pessoas aos pedregulhos, desde a carne de porco á politica?

No entanto, forçoso é deixar estas penurias. Amanhã, 2.^a feira, vou-me embora para Coimbra e... na 4.^a feira talvez seja para Lisboa...

A civilização chama-me para um trabalho reparador...



Miranda do Corvo e Semi-
de :

Miranda do Corvo :

1905: 24 de agosto

Seriam 4 horas e meia da manhã —
quase noite fechada — pai de minha casa
com um fato já velho, botas grossas de ca-
mo por fora das calças, sapatos de couro,
binoculo a Viracolo, em companhia do meu
impedido que levava a maquina fotografica.

Ja para o Senhor da Serra como nomei-
ro civilizado, de maquina instantanea e bi-
noculo Goertz, pronto a colher todas as im-
pressões que na retina impressionavel da
memoria que na pellicula, mais impres-
sionavel das chapas sensibilizadas da "detchi-
ve."

Entra, esplendido, a manhã. O nevoe
passava rapido, encubriendo um quarto

miunguante de luz de quando a quando; e eu segui pela estrada fôra, recebendo adiante vozes alegres e descantadas de grupos deromeiros que eu não via ainda com o escuro da madrugada.

Logo ao aproximar-me da Bartela comecei a encontrar ranchos que vinham da romaria, já cumprida a procissão; grandes grupos de homens e mulheres tomavam a estrada, cantando e dançando, numa ansia de prolongar a folia; e por entre os arvoredos dos campos da estrada, alegremente, docemente, com o alvorecer esplendido que deixava a claridade já a beleza dos campos verdes, eu ouvia o canto arrastado, monótono, a lembrar toda a peregrinação.

« O Senhor da Serra tem
sua cabilia de seda... »

Éra quase tudo gente de Gondara, gente das areias do mar que vinha fiedosamente á paterna, a pé, carregada com os filhos e com estes, em caravanas barulhentas, suspiradas, num misto de devoção e de desejo de folia.

Mais adiante, subiu, quando me aproximei de Coira, já com o sol a deixar o alto

Do montes ao leste, havia um verdadeiro acampamento: carroças, carros de bois, machos carregados, tendas de pano, tudo mostrava que ali a movimentação era grande, uma espécie de caravansará dos devotos do Sr. da Serra. Daqui para diante era um pouco acabar de gente que ia, que vinha, que cozia aos cantos da estrada, que descansava ás pombeiras pacificas, que cantava, que dormia, que dançava — num conjunto admiravel de movimento, de vida, de alegria.

Nas vendas de beira, atacam a subida com valor; o caminho não é mais, nem lá: ao começo sobre pilvados, depois entre pinhais, vai subindo em curvas que não são difíceis e com piso razoavel.

Mas, com os primeiros contrafortes, commecam dois espectáculos qualqver deles curiosos e dignos de observação; um bello, alguns pontos magnifico, outros surpreendente; outro asqueroso, horrivel: o primeiro é a serie de panoramas que as curvas do atalho vão desvendando á vista; o segundo é a péria de mendigos crapeulosos que gritam e imploram numa toada plangente para comoção do povo piimpleris.

Os panoramas são dignos de atenção: pouco a pouco avistam-se as casas de Santo Antonio dos Olivais, da Curruada, de Santa Ana; vem depois a alta da cidade, a Torre da Universidade, o Observatorio, o casario todo que desce o declive até ao Mondego, o rio, a praia, Santa Clara, os largos campos marginaes — tudo num conjunto municipal de grande beleza; depois, ao longe, toda a baixa até ao mar se destaca num perfil triangular a Serra de São Tiago; para a direita, eubão, o panorama é escuro, é um nunca acabar de vales fundos, encostas abruptas cobertas de pinhais, alguns cerros com olivados; para a esquerda o escuro fosse natural do beira, com umas curvas verdes jantes, com as primeiras encostas cultivadas e arborizadas e o rio caíndo de seude em seude; e com a subida, era suave era agreste, é o Bussaco que aparece por de cima da Serra do Azule, ou a vila de Paucel, do lado direito, que espreita por sobre Paucifoles, enoldurada no perfil trapessoidal do resente de Vez.

De surpresa em surpresa ia subindo o atalho, entre cantos de canções alegres e

o plausível hereditário dos polaresinhos, segundo a designação local.

A certa altura, ainda ha uma cruz que marca, segundo a tradição, o aparecimento da imagem miraculosa do Sr. da Serra, o qual fez uma dobra e avista-se, em cima, a capela com a sua torre alta, ainda incompleta.

Então redobram os clamores dos polaresinhos, que a ignorancia e o fanatismo do povo tobra e vê com lagrimas paubimentais: velhos e creanças, uns de membros atrofiados, outros sem pernas, mudos, cegos, ~~mas~~ uns com marfeia asquerosa, outros com chagas pestilentas horriveis, tinnhosos, abortos — eufim uma serie de exemplares que explora a paubimentabilidade dos pobres rozeiros, pelo caminho adiante e que se ouve de longe pelos clamores esbafoventes:

— Oh meu rico benefactor!... oh meu para esta desgraça!....

E por entre estes gritos estudados dos polaresinhos cheguei ao alto: num cubeco limpo para todos os lados, ha um agrupamento de casas humildes do qual se destaca a torre da capela que agora se ainda a reedificar sob um plano do Antunes Augusto Gon-

colher; e para a frente surge-nos a deves-
pão onde está Seneide e Tite de Vide, larga
caixa ricosa que se combina, mais ou me-
nos arredada até a Lauran e Serpente e li-
mitada pela imponência da porta do Tro-
nim com o seu marco geodésico a brilhar ao
sol. Sua causa imponente aquelle desfiar de
parras, destacadas umas das outras por uma
tenue neblina, até ao meacisso da Estrela!

Em frente da capela sevei-nos um
peço: mulheres de joelhos davam voltas,
dolorosamente, cumprindo promessas; ho-
meus amantalhados e com coroas de flores
na cabeça; de mãos postas, no mesmo cum-
primento devoto; outros homens deita-
vam foguetes ás duzias, dalgum voto; pa-
dres passejavam no adro esperando curi-
tes para os peruees tradicionais; vendedo-
res ambulantes agropavam o seu comér-
cio. Pela parte da capela via-se lá dentro
um intenso movimento; seviram-se as
objurgatórias dos peruees, que os padres
dizem por quinze toques pegundo as deter-
minações superiores; pelas ruas do lugar
havia inumeras barracas de lona com varie-
dos objectos para lembranças, desde os carri-

ruetões de ponto de ôso aos relógios de sol de
meio verão; aos cantos, reservados dos mais
res encontros, ruentes de Loucas dos Baijos
e Carapinhãl.

É assim vi eu, pela primeira vez, a
ruenaria tradicional do Sr. da Serra e pela
primeira vez comi a deliciosa "carne de ca-
pamento", em casa do velho amigo José Ma-
ria Correia.

Depois, poria meus dias, combinei o
meu caminho, Louca fora, sobre pinhais
e oliveiros, ruendo á direita os vales do
Dunca e os altos de Vila Seca e á esquerda o
fértil e lindo vale do Lauran, coberto de mei-
lho já maduro. Quando cheguei ao final da
Louca, passada hora e meia de caminho, vi
em baixo Miranda do Corvo, quase escondi-
da, modesta, á pomera do ruente do castelo,
esperando que as graças lhe caiam do céu...

—◆—
26 de agosto.

O sol, aqui, levanta-se por detrás da
perra e logo os ruentes saem das casas lu-
pildes, de enchada ao ambró, com os gros-
tos ramancos a ruancarem o compasso na

estada, eus que vão para a fazenda rochar, eubros para a réga dos milhos e dos feijões. Depois, das casas, começa a subir um fumo tenue, muito ligeiro, em linha para o céu, no esplendido roço da madrugada.

No tempo vem uma cabrada. O pastor, de casco ao ombro, varapau debaixo do braço, vem a tocar uma flauta de cana para entreter o rebanho; as ovelhas, as cabras, os chibros, com os pés enfeitados com fitas de cores e com quizes alegres, vão andando pacientemente, retorcendo nas ladeiras, no meio dos pilvados.

Por entre os palmeiros ha um rom-rom continuo: são os bois que pacientemente tiram a agua dos pozos ou da ribeira para a rega dos campos.

E eubros, por todo o vale, por entre a ligira neblina da manhã, e vida começa de novo, forte, vigorosa, como a pedra eueve ao lado, me continuo tabenta para se alcançar um dom da natureza.

A pedra é ainda uma sombra escura; a neva, a pouco a pouco, começa a rascar, e subir, a desfazer-se, e mostrar os pinheirais que lançam nas encostas umas modas euev-

mes; nas aldeias do alto, entre castanheiros e carvalheiras, o fumeiro póbe subtilmente das telhas rãs; e em baixo, a ribeira lá vem a correr, entre os polgueiros bastos e os oheiros, passar por debaixo das duas velhas pontes da vila lançar-se no duessa, ali adiante.

Sinto daqui, logo que o sol esfriar, as lavadeiras a baterem roupa, - os carros que passam chiando no atollo dos Barceiros, os cantos do "balenci! balenci!" das raparigas de vila.

É quando o sol, por sobre o dorso da terra, inunda o vale de luz, a harmonia da natureza completa-se, a nevoa foge, e os meus olhos veem tudo, com amôr, e transformam aquella beleza em maravilha...

30 de agosto

Ontem, depois do jantar, peguei estrada de Coimbra acima.

Baia a tarde pensativamente, gloriosamente. Sobre a terra a nevoa cerrava-se e foi todo o vale o sol dourava as folhas altas das oliveiras que abafam, no paisagem, os beirões de verde começava a aparecer

subtilmente, o forno das ceias reparadoras do trabalho do dia.

No largar a vila, a estrada atravessa o rio; vinhedos dum lado e outro; pinhais na encosta do Monte do Valeugo; só acima, na curva, é que a estrada pegue a margem do dueça numa das encostas mais asperas que tenho visto, quase saltada a pique. Nos altos, pinhais; no declive algumas oliveiras, um ou outro requele de castanheiros pelos canteiros das águas. No fundo o dueça aos zip-zapues sobre marachões verdes, guardado por rios finos. Do outro lado, a encosta é barrenta; pinhais robeu por ela até ao alto; em baixo o corte de linhas finas, furando por túneis, seguindo em rectas por pontes altas.

A tarde estava magnifica; havia pancadas metálicas nos andaimes da ponte grande; ruído de wagonetes com terra que rodavam sobre carris improvisados; em cima, o chocalhar dum rebanho.

As encostas escureciam gradualmente; o muro de suporte da estrada era já um risco branco pela terra adiante; os trabalhadores largavam o trabalho; de vagar, be-

beendo as impressões que aquella tranquillidade de me transmittia, voltei á vila.

Cerbei ao atalho de trás do Castelo; vi ainda bem o agude do Carrilho, puzurrindo; ~~olhei~~ olhei o vale esverdeado coberto de oliveiras de uma tristeza de elegia; senti umas lavadeiras batendo as ultimas peças de roupa no Alhedo.

Entrei na vila. Na antiga casa do Barão, o escrivão de fazenda e a familia, ao fresco, nas varandas, cumprimentaram:

— Quere descansar, sr. alferes?

— Muito obrigado a V. Ex.^{ca}...

Seguei. Adiante, á esquerda, as filhas do professor; logo acima as filhas do Eduardo da loja, de olhos que pareciam miopes; a seguir, á varanda, a filha do administrador:

— Minha Senhora... muito boa tarde.

— Não vai á quinta, sr. alferes?

Era um reusque; sem perceber respondi logo:

— Hoje não vou, minha Senhora, mas se de lá desejar alguma coisa...

— Muito obrigada; eu é que sauciamo lá ir um bocinho...

Etc. etc.! Continuei rua acima. Tristes, á varanda, as filhas do Rosa Falcão, olhando

tristes, o largo vazio do suburbio; mais adiante, em frente á larga paisagem do vale, as filhas do ricão do Joaquim Falcão, espreitavam a estrada deserta...

No lagar do Melo, tropeço, arruinado ao leito, vinha o Joaquim da Loja de ver as fezeudas; á varanda funda do casa, o José do Pizão, com os olhos quase cegos, olhava o puente, em busca da luz que se perdia.

Assim dei uma volta á vila, naquella arrotear meu equal.

31 de agosto.

Está uma esplendida manhã, hoje.

Em frente, pela janela, eu vejo o muro do calvario a que, por tradição, chamam do Bastelo, com as raras oliveiras da encosta; á esquerda, o monte abrupto do Valongo, em cuja base o Duca e o caminho de ferro se cruzam por sobre chieiros; á direita, o pobre casario da vila, desde o muro Alhada á igreja poltranceira.

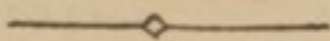
Em baixo, no Alhada que circunda a propriedade, as lavadeiras batem roupa esbrondosamente; um cão ladra desesperado

um casal afastado; há por todo o vale um ar magnifico de paz religiosa.

No Vale do Velho, umas mulheres apertam o milho; cantando, depois de se terem exercido como mandam os costumes; crianças brincam na ponte de pedra, e um gruta; lá ao cimo, é porta do Moita, parou um carro...

Está uma esplendida manhã! Por todo o vale há já o sussurro do trabalho que chega a este alto da minha casa num conjunto difficil de reparar: é o ron-ron das réas ao puxar agua; é o canto alegre das mulheres que apertam e decornisam o milho; é o bater das enxadas na terra; é o chiar dos carros nos caminhos — é um pequeno numero de cousas que me faz ficar, irreflexivamente, sentado no angulo do quintal que dá para a vila, á sombra de uma oliveira, tempo seguidos, a olhar a paisagem larga que as oliveiras adóçam e a ouvir todo esse sussurro de vida que sobe lá de baixo.

As estradas riscam, a branco, o escuro dos pinhais; e na grande quebrada da pedra, a capelinha da Senhora da Piedade, aponta alegremente do fundo dos penhascos.



2 de setembro

Ante-ontem, poriam duas horas da tarde eu e o recebedor — antigo cadete de cavalaria — montámos a cavallo e atravessámos a vila obripando, com o tropejar, e aparecer ás janelas, com curiosidade, as cabeças das velhas e das novas...

Eu montava um castanho, agarrado, do Santos da Quinta de S. Pedro; o Bolintô Mendes, o recebedor, montava um preto, manhoso, saltão, que é do Prier; e aí nossos nós, transporta a vila, estrada nova fóra até á Cruz Branca, a trote largo e desimpuetô das montadas; á Cruz Branca metemos á esquerda ao caminho velho, entre oliveiras; ~~para~~ adiante, é ponte sobre a ribeira, na casa pituresca que ali fica, dámos dois dedos de palestra ao velho Pimentel, haueusarrão que eschia a janela, e á filha, graciosa rapariga de 20 annos, esbelta, muito branca, com um fascoco de garça e seus olhos de infinita ternura; depois, transporta a ponte, ladeada umos pequenos elevação barrenta onde cada inverno deixa um fundo sulco branco, entrámos nas Meaus,

lugarinho pequeno, sobre oliveiros e campos
fertilíssimos de milho.

Estávamos ~~em~~ campo extenso e largo
que vai da vila á cerca das serras; milha-
rais fortes por todos os lados, pinhais nas ~~em~~
costas, oliveiras a adoçar o verde cruí dos
milhos: eis o que se via por todos os lados,
a qualquer curva do atalho ou em qualquer
elevação do caminho; e a perra crescia aos
meus olhos, extraordinariamente, a cada tro-
cada dos cavalos.

Adiante, entramos no Godexo — outro
lugar em que as ruas passam por debaixo de
latadas carregadas de uvas e onde as folhas
das vides rasparam por detrás de cada muro
de esvólta com as arvores; depois, campos
ubérrimos e pitorescos, cheios de imprevistos
de paisagem; e a seguir o Espinho, povoa-
ção já na encosta da perra (num ponto em
que está se levanta do vale sem contrafortes)
com um grande aglomerado de casas em que
as vides cresceram nos telhados e cercada de
castanheiros que a esconderam.

Parámos á fabrica de papel; é uma fa-
brica movida pela agua da ribeira que corre
em catadufas da perra, por entre pedras

cheias de murgos; entrámos e vimos como se fazia papel há dois seculos. . . Viemos encontrar uma fabrica de papel, passada duma familia polaca, como ha duzentos annos; pai, mãe e tres filhos é que fazem mover os maquinismos rudimentares q. a agua não moveia por completo — e de todo aquelle trabalho saia um papel de linho grosso, aspero, com areia á mistura, que não serve para imprensa mas serve excellentemente para embrulhos.

Depois, atravessámos a ponte de madeira tosca e pitoresca, e seguimos por um caminho que corre ao longo da base da serra; á esquerda, a encosta levanta-se em declive aterradôr; á direita, o vale fecundo estende-se coberto de verdeura até á vila, Godinhães, Baijos, Carapinhal, encostadas á linha de montes que fecham pelo norte a paisagem; de par-a-par, ribeiras correm alegres sob castanheiros pombeiros; e nós caminhámos a passo, gozando o fresco das carvalheiras copadas, vendo com prazer velhos muros cobertos de hera por debaixo dos quais as vinhas altas lançam os cachos maduros, como em desafio á nossa rede.

Por fim, chegámos a Taboas, lugar dos
maiores da freguesia, de ruas cheias de mato,
com casas de varandas dependuradas, vasos de
barro nos peizaes das janelas, com cravos vermel-
hos, trepadeiras que sobem e revelam pelas pe-
redas e formam molduras nas janelas rubri-
cas. Descemos a povoação e atravessámos o
Alhêda; e ~~contando~~, notando quanto o atalho
causou, chegámos á Pereira, lugar alegre,
arejado, limpo, varrido do vento — onde to-
go á entrada, numa varanda cheia de flores,
duas tiendas costureiras coriam placidamente
á ruaquina.

Atravessámos o lugar, por entre comen-
tários; metemos depois a um atalho dum pri-
nhal; contornámos a quinta de S. Pedro, car-
tamos á esquerda ao Monteiro; seguimos a es-
trada real; e de novo subimos na vila, tro-
cando, chamando a atenção das janelas...

Teram 6½ de tarde. Daí a pouco, é me-
ta do jantar, eu e o recebedor, recapitulámos
nos o passeio, saboreando os pitões que a
corinheira do amijo Botão trouxe por
bem servir aos hóspedes.

Ontem, porém, o passeio, embora um

peuco mais pequeno, foi, de certo superior.
 Tratava-se de um dia passado na Senhora
 da Piedade, debaixo dos castanheiros frondosos
 da fiduésca quebrada, com peruchas e
 raparigas. Foi, pois, superior...

Às 7 da manhã fui para a quinta de S.
 Pedro, do Joaquim Fernandes dos Santos. De-
 pois da dejeção mebeu ao caminho: o
 Santos, a senhora, as 4 filhas, dois filhos e
 duas brasileiras hospedas que me tratavam
 por "peu miço..." Logo adiante jubou-se
 a filha do administrador e na Pereira o pro-
 fessor, o Luciano, rapaz novo, com carecas
 no cabelo e para o qual tudo é « sublime,
 um mimo, delicioso, um apêite! » e fala
 com ênfase na mais insignificante coisa.

Com periferias mais ou menos ale-
 gres, com descensos debaixo das arvores co-
 padas, lá chegámos aos peruchos da cape-
 la, no fundo duma enorme quebrada de per-
 ra, de encostas abruptas, rias de arvore-
 do e negras do matagal.

O pitio é, de facto, como diz o pro-
 fessor — « sublime! sublime!... »

No fundo da quebrada por onde corre
 uma torrente de agua de fraço em fraço

sob um túnel de castanheiros frondosos, le-
 vanta-se um enorme rescaldo de rochedos
 pedregosos; no alto destes rochedos, num
 pequeno planço arenoso, está a ermiada, com
 o seu alpendre largo de oito colunas, voltada
 ao vale extenso e fértil, coberto de verdura
 dos milharais e das oliveiras. Para dentro,
 para a serra, as encostas abruptas elevam-
 se muito, formando um valeiro fundo
 por onde corre a ribeira que lá de cima se
 sustenta e faz os meios riuinhos quase
 pre-históricos; mas tudo isto por debaixo
 de castanheiros copados, de grossos troncos,
 que dão ao local um tom altamente pitto-
 resco e dumha beleza um tanto ou quanto
 selvagem.

O professor, ao passar pelos pedregosos
 cheios de musgo ou por bocadinhos de terra
 aprouvejada, cheios de relva fresca e fetos agros-
 tes, exclamava de olhos em alvo:

— Sublime! um mirmo! Senhora
 D. Inaura, que apêbite! D. Laura, que bomito!

Passou-se o dia bem. Até 3½ da tarde
 arranjou-se a mesa ao pé da fonte de água
 esplendida sob castanheiros que cubriam tu-
 do; o jantar ceusou-se alegremente; depois

como a tarde caia com frescura, demos um
 longo passeio pela quebrada acima, conversando,
 apreciando os recantos pitorescos, vendo cor-
 rer a água de pedra em pedra, do mungo
 em mungo, pelas pequenas levadas para fe-
 zer andar os moínhos, regando umas mes-
 gas de terra com feijoados minúsculos.

A tarde caia; a capela do Sr. da Serra,
 lá ao longe, mal se via já no escuro do
 presente; e o Santos, gordo, pesado do jantar,
 homem feliz que tinha o dinheiro que que-
 ria, estendendo o braço para o vale extenso
 dizia com ar de abençoar tudo

— Eu só queria isto ali em baixo...
 Esta coisa deve valer os seus sete e oito mil
 contos! É um terreno que é uma beleza...

É o professor, como um eco, de olhos
 em alto dizia:

— Uma beleza, Sr. Santos! uma mimo!

3 de setembro.

Assim com'assim, ás oito horas da
 manhã de hoje, comecei a levantar-me...
 O sol já batia na vidraça do quarto, coado
 pelos eucaliptos da quinta dos Melos; as oli-

veiras da quintanda abanavam com o vento fresco da manhã; espreitando pelas vidraças viam-se alguns grupos de endormiçados, ao longe, pelas estradas, a caminho da Igreja.

Cujanto me vestia, ia ouvindo, em baixo, a meemina Preciosa, criada do Ferreira do Correio, cantando arguebimamente

Hi! um leijo não te posso dar
Porque eu tenho medo
Podem - no saber...

A cabrita branca do quintal chocava os quizes arguebimos; e eu esperei que alguma voz máscula continuasse a combiza agora em voz respondendo

Mas eu juro guardar o segredo...

ao que ela responderia de novo, como a sua voz vibrante de raparigo novo:

Mas eu tenho medo
Podem - no saber...

O meu impedido passeava fóra, a olhar a vila, como homem que não tem que fazer; quando me encontrei junto, abri janelas, respirei o ar fresco da manhã, desci os 66 degrãos de escadaria, atravessei a ponte e fui para a Igreja.

Religiosamente, não entrei na Igreja; recebi-me cá fora, ao fresco, a ver quem eu traava e a ver o esplendido cenário do vale já todo inundado de sol. Jam chegando minhas mãos de chameiras novas com fitas garridas e chales "de ver o Deus"; homens de barba feita e camisa lavada; rapazes ajornados; algumas damas da vila que me obrigavam a levantar para os cumprimentos respeitosos... Passou a família do Doutor; a filha do Dr. Abilio com uma tiuda maninha de renda branca; a Piuscibel de colo de garça; a D. Carmila, filha do administrador; as Faleões muito enfeitadas quem vestido á moda; a po-brinha do Priór, do buço petulante; as irmãs do coadjutor, muito perias e com ar peluagem; a família do escrivão de fazenda, etc. etc. numa palavra: o "hip-life!"...

Mas eu, discretamente (mas com meus relíquias do que elas) deixei-me ficar cá fora, ao fresco, perante o cenário magnifico do vale já todo inundado de sol, vendo a terra esfumar-se ao de leve com os restos da neblina da manhã e os telhados das aldeias a começarem a brilhar, por sobre as oliveiras.

Quando a missa acabou, vi sair toda a gente já confortada com o tanto sacrificio; e por fim, para que a manhã terminasse bem, tive de vir a tirar o pol com uma pomberinha á senhora brasileira que ia com a familia do Santos e que me tratava por "meu moço..."

5 de setembro.

Curioso o passeio de ontem a Serride.

Seriam 2 horas da tarde, quando partimos: o recebedor Calixto, o José Cunha, sobrinho do Priar e eu. O pol estava excellento, havia um ar abafado de floresta, caiam algumas gotas de agua; mas nós tínhamos jantado ao P.^o João Queiroz ripario de Serride e presidente da Comarca, in-the course o jantar e não havia outro remedio.

Eu montava o cavallo do brasileiro Santos; o Calixto o rocim do Priar; o Cunha um macho pequeno levado da bréca — tres amigos que se não entendiam muito bem e que provocaram varias peripécias de riso e comentários.

Meteiros, a trote largo pela estrada fó-

na, conversando, riudo das montadas, até
 um pouco adiante do Carapinhial onde a es-
 trada acabava; depois, seguimos por at-
 lhos entre pétes altas, quase sempre atra-
 vez de pinhais ou campos de milho.

Passámos a Pedreira aldeola em cujas
 casas rústicas as varandas estavam flori-
 das com vasos alegres; adiante Rio de Vide
 colheça de freguesia, lugar alegre que domi-
 na um fértil vancea, entre montes sua-
 ves, sob o dominio do companario da cafe-
 la do Sr. da Serra; mais acima, sobre o
 direito, começou a aparecer a Serra de
 Lousan, a de Serpius e os altos de S. Mi-
 guel de Poianes; e quase a seguir, mesma
 curva do atalho, na encosta da esquerda,
 abrigado pela Serra, escondido do mundo e
 quase do céu, avistei o casarão do velho
 mosteiro beneditino, ruído, derruido em
 parte, como coisa abandonada.

Curioso effeito o de esse velho edificio es-
 leusado, ali perdido na encosta de pinhais,
 em frente ao vale cheio de venduras, en-
 tre o murmurejar das levadas de rega! Co-
 mo nestros tempos aquilo devia ser deli-
 cioso como retiro, excelente para o aban-

dono do século, para a renúncia da vida!

Continuámos, pela calçada, parte do muro da cerca, nella muralla cheia de musgo e fétos viscosos que mais parecia restos de antiga ferrificação; ao fim, á esquerda, appareceu a entrada para o patio por debaixo das hospedarias — e eis-nos no vasto terreiro do eseuventó em frente á edificação do século XVII que um bispo magnânimo creou e a seguir a um incendio.

O ripario, o P.^o Queiroz, já nos esperava: haueu baixo, nervoso, com um perfil distinto, modos de boa educação, veio logo ao encontro, exultando pela visita, desculpando o desconforto da recepção entre ruínas, arriscando um ou outro gesto contra o abandono a que votavam o mosteiro.

Mas, agradável ciceroni, levou-nos á igreja — construção simples do século XVII, póbria, no entanto de linhas interessantes, a que uns altáres de talha dourada palomónica e os azulejos que formam as paredes, dão um certo ar de conforto; depois, subindo por uma porta na grade do cêro que uma retilha muito escura mais abria, percorremos a serie de corredores, claues-

tros, escadas e capelas do velho mosteiro de S. Bento.

As minhas esperanças titilavam no tangedo e profanavam o silencio daquelas ruínas; parecia-me que o modernismo não entrava, nem um protosto (quanto mais não fosse dos ecos) nas velhas casa de Deus...

Por dentro, o mosteiro, pouco tem que ver; está tudo a cair, entulho para um lado, paredes rachadas, tectos a desabar. Corredores escurus, largos, muito escuros, que naquele momento estavam cobertos de camisas de peito de pequena cultura da cerca; janelas sem vidros, muros em desequilibrio... eis o que se via! E lá dentro ainda 23 pauliceras, encafusadas, recolhidas ~~em~~ do tempo das feiras em risco de um dia poubirem cair sobre si os destroços do velho casarão!

E com isto, com este andar em ruinas, confrangendo a minha possibilidade, a hora do jantar aproximou-se. E que pequena vista havia daquelas janelas sem vidros sobre o vale! que paz que patria de terra, áquella hora, até áqueles sombrios corredores! que beleza de conjunto, de campos fartos, de

encostas cobertas de pinhais, da terra, ao céu,
ge, magestosa!

Com estas impressões entrámos nos velhas
hospedarias onde meira o ripário; uma
sofa apetitosa fumegava sobre a mesa mesma
sobre de tectos apainelados e com grandes qua-
dros antigos de bispos e religiosos alinhados nas
paredes caídas; vieram as três irmãs do
padre, velhas eucarguithadas com penteados
arrelicados, cheias de mesuras, com adema-
nes de meineté; e o jantar peguei-me
cerimonioso, com conversação discreta, como
convinha ao tom da sala e aos severos olha-
res daqueles prelados pintados...

Lá jára anoitecera, com prenúncios
de trovada; e depois do jantar, e a seguir
a um bocado de conversação mesma sala ao lado
onde havia um prumo de mesa antigo, velhas
cadeiras de espaldar, e uns quadros de as-
suntos religiosos — tudo conventual, e cla-
ro — despedimo-nos, desceu ao ter-
reiro onde os animais já estavam prepa-
rados, á luz de lanternas, como a evocar
velhos tempos em que os hóspedes do moste-
eiro, fartos, pesados de doces, montavam
nas suas cavalgaduras para voltarem ás

suas terras. . . Montámos também, despedimos-nos do ripario que nos desejou uma boa viagem e mergulhámos na noite escura, pela calçada abaixo.

1907: 13 de junho.

Hoje, seriam 5 horas da manhã, senti bater na vidraça; levantei-me, espregitei por debaixo da coberta e vi o Dr. Costa e Silva, jóven encomendado que me chamava: ia dizer alguma aos Lobos e regressaria a minha companhia e a do Pacheco. (1)

Olhei: a manhã era uma coisa formosíssima; o vale descuberto de nevoa, a penha bem clara, o rio em baixo entre os palmeiros reflectia a luz do sol.

Concedei ceder o padre; chamei o Pacheco que dormia a péso solto; vestimos-nos e aí vamos todos três pela linha feneça, transpondo túneis e pontes, com a sucosta abrupta á direita e o vale apertado e minúsculo do Duque á esquerda.

(1) Francisco Vaz Pacheco de Castro, estudante, então meu hospede por uns dias.

Andados cerca de uns dois quilómetros, meu tanto, metemos a um atalho é direita e eis-nos chegados a Lobares — lugar pitoresco numa encosta cheia de pinhais ao cimo do qual aluceja a capelinha de Santo António, de gracioso alpendre campestre, com camparião modesto, e dois esplendidos castanheiros a dar-lhe pombo.

O Dr. Costa e Silva, seus cerimoniaes, puxou pela corda e tocou a sineta para a missa de Santo António, patrono da ermida e santo do dia. Cito com do riso alegre que ouvi pelas quebradas tranqüilas, começou a aparecer gente endormiçada que humildemente cumprimentava o prior; este foi preparar tudo para o santo sacrificio; e eu e o Pacheco, sentados á sombra duma oliveira mais acima, olhámos religiosamente as encostas agrestes, as leiras cultivadas junto do rio e das fontes, as casas aglomeradas da povoação for cujos telhados trepavam pés de videira e deixámos-nos trespassar daquela tranqüilidade, daquele silencio meditativo que foi quebrado pémente pela sineta quando o padre Costa Silva chegou ao ponto capital da missa e as bealadas rituais voaram tristemente.

Quando a missa acabou, um homem veio cá fora e, ritualmente, lançou tres foguetes de grez que estalaram no ar alegremente; o povilão saiu e dispersou pelo lugar; o prior, sorridente veio ter connosco; e bem dispostos, comentando a manhã e a lenda do santo festejado, voltamos pelo mesmo caminho — e here a que os estômagos reclamavam imperiosamente o almoço.

15 de junho

Ontem á tarde fomos — eu, o meu condiscipulo Pacheco, o recebedôr e o prior — á quinta do Pimentel, á ponte do Cerro, entre choupos altos e mitharais fartos.

O deus da quinta, hennuzarrão falador, afidalgado, arbiço escrivão de freude, estava em mangas de camisa, de pecho na mão, regando um feijoal junto da casa; a filha, a Saravinha do Cerro, como lhe chamávam, esbelta rapariga de colo perfeito, vinha da quinta toda vestida de branco, com um braceado de rosas de escombrio ao peito; quando subríamos, o pai gesticulou com surpresa e lamentou o desalinho do braço e

a filha correu até ficar do céu das rosas que le-
vava

No leuge, os trabalhadores largavam o
trabalho; e sobre o vale começava a cair o
fraco e tenue véu do crepusculo com a fres-
ca viração da noite.

Subimos á larga varanda da casa; co-
memos cerejas explendidas; ao lado, o Pi-
riquetel, conversámos com o prior e o recebe-
dor acerca da magna questão da divisão da
freguesia; a noite caia e começou a deixar
ver umas ou outras estrelas no céu muito
limpo ao passo que na terra desapareciam
as casitas brancas das aldeias.

Depois, veio a noite estrelada, magni-
ficamente estrelada; o céu mostrava todos os
luzeiros radiantemente; e eu e o meu con-
discipulo Pacheco — como estudantes de ma-
tematicas — ensinávamos á Saravinha
as constelações

Ela ouvia, intelijentemente, a nossa
digressão pelo Infinito; e o seu ruço e robe-
rano perfil destacava-se no escurecer como
um perfil de estátua.

Em que cidade se passa assim um bo-
cado, em que cidade — Paris, Londres, No-

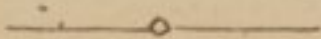
na York — se encontra a poesia dum an-
 tico tempo este, quando as oliveiras tomam
 um tom mais triste e os pulcos das que-
 bradas das penas não gradualmente en-
 greendo?

Onde?

Não é esta vila que tem a primavera
 sobre todas as vilas; não é este vale que to-
 dos excede em beleza; não é aquella terra q.
 todas as terras sobrepuja em grandeza; isto
 não, não é; mas tudo isto que digo em
 favor proveem da beleza dos campos, dos va-
 les, das terras, da vida forte que aqui se le-
 va e se goza, do ar puro que se respira,
 dos entardeceres suaves que embriescem...
 Não é tambem a gentil Sana a unica ra-
 pariza que tem o condão da poesia; qualquer
 outra gentil, suave de olhar, de côlo esbelto,
 naquella varanda, áquella hora, sob o céu
 radiantemente esbelto, faria viajar pelas
 constelações ~~estrelas~~ e daria
 ao quadro a maxima beleza.

É que o campo é tudo: aquelle conjunto
 sem fim — onde se não avistam as exten-
 sas avenidas das capitais, onde se não en-
 ve o tilintar dos electricos nem o ruído dos

autônomois — é que me peduz, me absorve
e me faz poeta...



21 de junho

Sloje, levantando-me ás 6 da manhã,
fui com o dr. Costa e Silva a Lobases sede
de ia dizer missa; as messas pontes, os
messas tuncis, a messa capelinha branca e
os messas castanheiros frondosos.

A manhã estava muito fresca; uma nu-
va carregada causava leves arrepios de frio e
cobria o vale do duce. Quando o frisar di-
zia a missa eu lembrei-me cá jára tendo os
jornais que cheparam no comboio da manhã;
á volta, como eram horas de almoço, fui al-
moçar; e depois de dois dedos de palestra com
o republicano Balthão que espera ansioso por
esse dia de vembura da proclamação da Republi-
ca, fui á farmacia do José Cunha.

Estê preparava-se para ir a um pinhal
do negro mandar cortar uns pinheiros para
fazer uma fogueira em honra de S. João; e
voltou-se para mim de repente:

— Suere o meu tempo vier?

— Vamos lá!

E aí fomos nós, estrada feita, de chapéu derrubado, de varapau ao ombro, com dois rachadores atrás de machado ás costas. A neve já se tinha levantado mas ainda havia fresco; uma ou outra nuvensita ficava e corria ao longo da serra esfarrapando-se nos pinhais. Seguimos aos Buijos; subimos ao Vale Simões, indireitamos ao Vale Salgueiros e subramos no extenso pinhal do João Carmilo.

Por umas poucas de colinas, cobrindo uns vales, trepando á encosta da serra, o denso pinheiral estende-se, alastra, susurrando ao vento com um doce murmúrio. Um homem, andando bem, leva mais de hora e meia a dar-lhe a volta; e nós, com os rachadores atrás, metemos afoitamente á mata, caçando pandores que dormiam e pérola de papo para o ar.

Na cõma dos pinheiros cantavam cigarras e rouxinóis esbridulamente; e um vaço com Kriste de marulho de aguas percorria a terra, através dos troncos hirtos.

Por uma ou outra aberta, a serra de Louren aparecia, muito grande, como gigante adormecido, desconhecendo a colossal

musculatura; e eu, sentindo a frescura e a beleza do rio e vendo que os rachadores se preparavam para começar a faina, estendi-me no chão sobre a carema caída e respirei fundo o ar agreste de resina.

Apretei, mais uma vez, a vida do campo e lembrei-me, com desejo, da conversão do Jacinto em Torques... E como o Jacinto fiquei-me no chão a pensar, a filosofar, enquanto um lagarto de espinha verde e afilada, espreitava de dentro do esconderijo da raiz dum pinheiro.

Dai a pouco ouvi o som cavo dum arvore que gemia, que estalava, que se agarrava ao tronco das outras, num movimento natural de conservação e que caia no chão com fragor; dai a pouco outra vez uma outra arvore vinha a terra; eu ia adormecendo com beatidão...

Depois veio um carro de bois; e quando o carro ficou carregado, e seguiu pelo atalho largo, o mesmo silencio caiu sobre o pinhal e apenas se ouvia o tal murmúrio que parece o mar, ao longe, batendo ao de leve na areia. O José Cunha chamou-me: estava acabado o trabalho assas

sues, eram horas de voltar para casa. A tarde apurecia e a terra parecia mais; desceus á estrada da Leusan, perto do apearino do Padrão.

Em baixo, no vale, passava, descendo um comboio, esbridulo, alegre, largando flocos brancos de fumo que se mebiam pelos pinhais fugindo; pelas terras cultivadas havia cantos meustonos de mulheres que trabalhavam; a terra, negra, passava sobre a paisagem; e nós peguimos pela estrada, conversando, falando ácerca do valor das propriedades por que passávamos e comentando a politica do João Franco...

Chegámos ás 3 horas da tarde. O Cunha deu-me agua com aguardante e assucar para refresco.

Coimbra:

1908: 4 de setembro

Fui ontem a Miranda, com o Flaco Fleury, á tarde, no comboio.

Está, pariu a estrada de Coimbra; o meu quinieta quiz ganhar o tempo perdido e começou a puxar a velocidade. A linha é

cheias de curvas, pontes, túneis, sterros, pulvi-
das e descidas e, pegando os acidentados, es-
tá mal feita; os comboios, por isso, estão sem-
pre a mudar de andaime.

Estas paradas quando, já passada a aldeia
de Lobares, numa curva apertada, sente-se
um estremecão, a carruagem sacudida, e a
fresira, em ruínas, envolvendo tudo; sem
tempo para se pensar, percebemos que o com-
boio parára e compreendemos que se trata-
va de um desastre...

Por todas as carruagens foi um berrai-
ro; alguns passageiros, precipitados, lançaram-
se á linha; eu e o Gloro, ficámos á olhar...

O que peris?

Fôra uma roda da máquina que saltou
ra fora e a obrizou a adormar, levantando,
com o choque, um pedaço da linha. Mais
nada.

Contudo, o comboio ficára ali entalado
naquelle vale fundo e deserto, até que o fôrsem
de lá tirar.

Que fazer? Como pó houve leves ana-
nhoduras, eu e o Gloro peguimos para Mi-
randa para avisar do desastre na estação e
porque o jantar nos esperava...

Seguimos, bem dispostos, linha fora, pela tarde fresca, sentindo cair o crepúsculo sobre os montes com tristeza. E por sobre os commentarios relativos ao desastre, chegamos á conclusões de que tivemos muita sorte...

Se a roda que caiu fosse do outro lado, naquele ponto de terreno alto, a máquina arrastava tudo para o declive e o comboio ia parar ao ducca.

E quando começámos a caminhar a pôpa que o annipio batatmas nos tinha quebrado, chegámos á conclusões pela terceira ou quarta vez, de que tivemos muita sorte...



S. Tomé da Ferreira - a - No-
va.

Coimbra:

1904: 26 de julho

Que curiosa reunião aquela de São To-
mé, na aldeia da Ferreira a Nova, em ple-
na Gandara!

Ja havendo muito pancada, muito
barulho — mas a presença da força mili-
tar fez parecer os animos. Tu, com os
meus poucos soldados, fui o heroe da si-
tução e pedi-me pessoa importante na-
queles annos perdidos...

7 de agosto

Foi por uma manhã clara, quando o me-
rosino leve do mar se desafiava que eu
cheguei á estação do caminho de ferro de Mou-

temar-o-Velho, na linha da Beira Alta, com a minha deligencia, depois de atravessar a Bairrada monotona entre pinheirais e vinhedos.

Quando desembarquei, o regedor, um homem do campo, de chapau na mão, respeitoso, apresentou-se-me: era a autoridade superior da freguesia e estava ás minhas ordens. . . Tinha uma cara sem expressão, incharacteristica, mas falava pelos cotovelos e, pelo caminho, pôz-me ao corrente do que havia de grave na terra. . .

Seguimos pela estrada feia, uma estrada estreita, coberta de poeira, por meio de pinheirais; olhando para todos os lados, a mesma monotonia das copas dos pinheiros, do mesmo chão arenoso, sem outro qual quer aspecto.

O calor apertava e o sol começava a fazer brilhar a areia; e o regedor, com gestos largos, foi contando: a festa de S. Tomé é uma romaria muito concorrida e daqui de Santana (e apontava para umas casas em frente) vai sempre uma bandeira para a Ferreira e volta á tarde com foguetes e Lé Pereira, e com muito boi ardeu e devo-

ção ; ora o sr. Saiz que é um ricasso de Santana, quer levar uma outra bandeira com um papeteiro heresje que para aí ha e outros da mesma laia ; o sr. Prior não quer e amonhã — concluiu o regedôr — vai haver muita pancada se Vossa Senhoria nos não acudir . . .

Esta era, realmente, nas suas linhas gerais, e historicis da questã que lá havia, questã de terras pequenas e em que se aproveitava um falso sentimento religioso do povo perante a heresia de uns poucos de liberaes do lugarejo. E com a pitoresca conversã de auctoridade não dei por um quilometro aude do até a povoação de Santana onde a força ficou abolida : soldado aqui, soldado ali, lá se foi distribuindo a delibancia segundo as indicações do regedôr.

Eu fiquei em casa do professor de instrucção primaria, o sr. Margalho. Como é natural, aluceei ; e durante o aluceio o professor iubeira-me da questã que então prendia todos os espiritos naquelles ritos : era, de facto, o que o regedôr me dissera e apenas acrescentou, concretizando, que o povo estava disposto a não deixar cair a tal

Bandeira liberal, herética ou maçônica (davam-me todos estes nomes) e se ela se atrevesse a sair, corria a páu os que a levavam. . . . É bom notar que estas duas provocações estão situadas na Gandara eude e é tradicional o jogo do páu e eude estão em habito as grandes desordens em que tudo se resolve a cocotê. O caso estava peris. . .

Dei uma volta pela aldeia; era um conjunto de casas dispersas, casa aqui, casa acolá, por entre vinhedos ou pinhais, e ligadas por caminhos areosos ou cobertos de muito curtidão. Havia umas tabernas, umas mercearias, uma capelinha de eude paia e bandeira tradicional — mas tudo muito dispersão e curtidão, quase sem nexo, mas que dava ao conjunto um aspecto curioso.

Em casa do tal sr. Sousa havia muitas bandeiras em que se destacava a branquinha; no patio da casa, um corêto para uma filarmônica local quando a filarmônica da festa tocasse; e á volta do muro uma serie de peças de fogo de artifício para queimar quando o outro, o da Ferreira, estivesse a arder! . . . Coisas curiosas da aldeia.

Nisto, á janela do sr. Sousa, surge o

profraes sr. Sousa : e qual foi o meu es-
panto quando reconheço um sujeito da Tri-
gueira, antigo conhecido, republicano, me-
conico, chefe liberal...

— Oh sr. Sousa!

— Oh sr. alferes!

Caímos nos braços um do outro com
grande escandalo do povo que ali estava e q.
viu o commandante da força abraçar um here-
je... Tirnos-nos a meter por causa da
bandeira, por causa dele, sr. Sousa, por o
chefe dos revoltosos de Santana, por causa da
celebridade que ia na Gandara e que ameaçava
abastar pelo país e quem sabe se pela Euro-
pa fóra... Ele disse-me particularmente
que tudo aquilo era mais para meter medo
ao Brian, reaccionário incorregivel, e ao ad-
ministrador, o Barges, antigo anarquista, e
agora regueneradôr enfeudado aos jardins da
Biqueira.

— Mas em todo o caso, arrisquei eu,
nao é muito proprio de mecons, esta maneir-
a de combate...

— Ora, ora, alferes: devemos fazer co-
mo os jesuitas: todos os meios são bons, o
que se quere é o fim!...

— Bem, bem... Isso é outra coisa...

E continuei a minha volta pela aldeia, riudo da furia liberal destes festeiros que desejam, como os jesuitas, chegar ao fim, seja por que meio fôr.

A' tarde, voluei, cheguei o administrador da Figueira, o Carlos Borges, antigo anarquista, realmente, hoje regenerado terreno: vinha ver de perto a luta e resolvido, com o meu apoio, a proibir toda a especie de manifestações liberais; meu um fozete deitariam!

Eu, entã, reuni os soldados e lá fui, ao entardecer, pelo atalho fóra, para a Ferreira, supuento, pessoalmente, o administrador ia iubimar os manifestantes.

Eu esperava grandes escubecimentos...

— o —

10 de agosto.

No deixar o pinheiral, já com a noite a cair, o atalho desembocava numa grande clareira arenosa; ao centro, havia uma igreja, isolada; e á volta dessa igreja, em carreira verbipinosa, filas de hameus e cavalos, na frente da unha, por sobre fiadas

de carros de bois enfeitados, chiando esdroneantemente, rodificavam em obediencia á tradição.

Do mar vinha uma aragem fresca, um pouco palgado; o céu tinha uma ou outra nuvem dourada pelo pôr-do-sol; e o tom escuro dos pinhais contrastava singularmente com o branco vivo da igreja isolada.

Havia um certo sussurro produzido pelo falar de muita gente; parecia-se o som escuro do galopar infernal de dezessas de cavalos e, irritante, por sobre tudo isto, ouvia-se o chiar constante da carriagem enfeitada.

Dirigi-me á esquerda, para uma casa moderna, já na orla do pinhal que o regedor me indicou como a casa do Prior; era este o sr. padre Vicente — belo tipo de homem forte, quarenta e cinco anos pouco mais ou menos, boa fisionomia inteligente, ar de resoluto, aspecto de padre aldeão mas culto e homem de sociedade.

Vaiu para mim de chapéu na mão, amavel, correcto:

— V. Exc., antes de tudo, ha de permittir que dê um copo de vinho aos meus subditos...

Os meus subditos beberam um copo de

vinho; comeram alguma coisa; e eu tive de ouvir novamente a historia complicada de questões que ali me levára com a força armada.

— Como V. Ex. sabe o tal pr. Soisa...

É a historia peguei desde o principio, com a convicção de padre ofendido e o tom dum cristão sincero (segundo ele dizia); eu ouvi, ouvi, dizendo que sim ou que não conforme as circumstancias, e olhando, ao mesmo tempo, para o arraial que ia crescendo em gente e em barulho.

A volta da igreja continuava a esarmer fila de carros de bois, chiando lentamente; iam todos com um toldo claro coberto de verde para causa do calor e enfeitados com bandeiras de papel; no chavethão havia um adorno qualquer: um ramo de flores, bandeiras, balões venezianos ou até um molho de garrafas! Dentro, iam sentadas as mulheres; os homens em pé, de chapéu na mão, e todos reverentemente; e á frente, conduzindo a junta um outro homem, também descoberto, silencioso e solene.

A romaria é dedicada a São Thomé; este santo é o protector do gado: por isso os

laureadores levam as suas juntas de bois ou os seus cavalos defeitados e com elles dão as voltas á igreja conferem o valor de cada um. O que é melhor dá mais voltas...: e assim, para cumprirem o seu dever, os carros levam na sua fila, chiando; e por fim, os laureadores mais ricos cavalgando os animais de pele, também defeitados com mais ou menos luxo, galopam á doida, em uma ou duas filas, numa corrida fantástica — para que o ponto tire o gado do mal.

Com o escurecer, com o pó que todo este revolutar levantava e com as luzes que se começavam a acender, a clareira tomou um aspecto curioso.

À volta da clareira havia as barracas de belidas que ha em todas as romarias e outras com jogos, circuilharias e piu-piu-piu; as cantos começavam a agrupar-se gente para as danças; os harmoniums começavam a gemer um vira monotonico; e nos seus calvarios, as peças de fogo esperavam a vez de subirem em pé e de fazerem um figurão.

No pinhal iam-se arremisando sempre os ventos para passar a noite; uma ou ou-

tra fogueira se ia acendendo e polere elas se
viam panelas de lata para fazer comida. A
aglomeração era cada vez maior; de todos os
atachos que vinham dar á clareira, saiam gru-
pos de ranceiros alegres, que se espalhavam
pelo arraial.

De Gandara, especialmente, vinham
mulheres belas com os seus vestuários carac-
terísticos e um que polereava o pequeno chapéu
de feltro de abas voltada cheio de flores de pa-
pel e plumas brancas e a grande quantidade
de ouro polere o peio; de toda aquella região
acorris gente com fatos de ver a Deus, em
regia acompanhada de uma musica simples
de flauta, violão e harmonium.

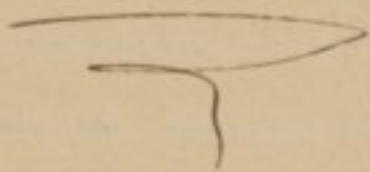
Andei por sobre a multidão a ver tudo,
conversando os costumes com o administra-
dor — até que fomos ceiar com o Prior uma
excelente coiza de telere de calidela, touro asse-
do e galinha tostada que tentava um pouco
aseta, e que devia, pelas janelas abertas, ter
espalhado um transcendente aroma á culi-
naria celeste...

Com as palestras e com objurgatorias
irónicas contra os liberais de Santara, a
coiza correu maravilhosamente até começar

o fogo de artifício. Quando saímos e pará-
mos no patamar da escada exterior de pedra,
vii-se no meio da noite escura, girando
velozmente, lançando bombas, deixando no
ar rastros de luz, uma peça de fogo estala-
jando, por entre fumo, ora espalhando luz
verde, ora uma luz azul, ora vermelha,
lançando fogachos brancos para o negro do es-
paço e iluminando em baixo uma multidão
de caras brancas e barbadas.

Aproximei-me: no meio do fumo,
junto da peça, numa clareira aberta pelo fo-
vo, via-se o fogueiro, solene, numa altu-
de extractica, revendo-se na sua obra mare-
vilhosa, no seu trabalho prodigioso; de en-
volta com o fumo espesso de varias cores,
aparecia o busto do pirotecnico, com os
olhos bem fitos, bem abertos, na sua obra-pri-
ma! "⁽¹⁾

.....



⁽¹⁾ Estas notas ficaram incompletas.

Leiria

Coinhena :

1903: 12 de novembro.

Cheguei a Leiria de noite e por uma má noite de chuva e vento; a estrada sulhada e o "char-á-banco", em que me meti, iam-me fazendo, durante o caminho, esquecer a bela ideia que eu ferueava da proibida cidade do Liz.

No céu nem uma estrela; a iluminação má; á entrada da cidade, uma serie de casas baixas e de má apparecia; pelas ruas ninguém.

Seriam oito horas da noite...

Uma volta, de repente, vi um grande largo e apesar do escuro da noite, lá no alto, sobranceiro a uns grandes rochedos, um con-
torio extranho que devia ser do castelo ar-
ruinado. No pavimento do largo, a luz

dos candieiros reflectia-se na agua que caia lentamente. Em algumas lojas abertas viam-se, lá dentro, os caixeiros armados ao balcão á espera de hypotheticos fregueses.

O carro parou á porta do hotel e eu subi a escada convencido de que, afinal, ainda mais esperamos passaria e ainda encontraríamos mais frousa...

Bebudo, no dia seguinte, verifiquei, com a luz do sol que se dispusera afastar as nuvens de chuva que a cidade, embora mesmo vele acanhado tem uma apparencia agradável e o Rio de Rodrigues Lobo, serpenteando por sobre colinas e' alegre e as suas margens, com palmeiros e cheirosos pão frescos e fritões cas. As ruas são todas estreitas e tortuosas com casas sem apparencia, mas em comparação os campos em volta são largos, com vegetação forte de muita agua que tem e as colinas compoem o panorama com o olivado basto e triste.

A' hora a que saí, de manhã, havia o movimento natural de uma terra grande: credas cruzavam-se com os cestos das cunhas, conversando, dando, umas ás outras, as novidades das respectivas casas; no grande cha-

fariz histórico, impedidos enchiam barris de agua; e na praça principal, o mercado estava no seu auge.

Numa arcade que ha dum lado da praça estavam as vendeadeiras de futas, com a paia de paragona preta com uma fita vermelha na orelha enfiada pela cabeça seguindo o velho costume. Conversava-se, discutia-se, havia o barbarinho dos grandes ajuntamentos; as objurgatorias das vendeadeiras que são as mesuras em toda a parte; os pregões deus, os gritos e chamadas deus curavam-se naquele scenario ancestral dum faruz curiosa.

Parcorri depois a cidade, espreitei, observei; deu-me a impressão ~~como~~ este rapido exame de que Leiria é um tanto ou quanto refractario ao progresso...

A farmacia no largo de Sé é ainda a mesma que existia ha 30 annos e que G. de Gusmão tão bem notabilizou no Crime do Padre Amaro; na estrada da Batalha, está a construir-se um enorme edificio, do mesmo tipo do de Compolide, para os paulhanes jesuitas; mas encontrei um barbeiro deus de onde se fizease a barba sem prescripções

de certa ardeur . . . Os ruas real calçadas te-
em um ar triste e paterne. Os janelas, uma
ou outra dama espreitava esse um ar descon-
fido quem passava.

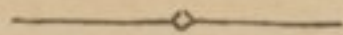
Fui almoçar com a firme convicção de
que Leiria está muito atrás do lugar em que
devia estar; ni muito padre e muito porca-
ria . . .

O castelo, parece, basta para resgatar o
atrazo: ele lá estava no seu enorme rochedo
escuro, bravo, ainda elegante mas suas cui-
mas, albino na sua decadencia. Conserva a
torre de menagem de pé, firme ainda; uma
linda capela gótica ainda mostra o seu portal
elegante e a capela-mór, pequena, mas de
grande encanto; ha janelas perdidas mas mu-
nhas que lembram pseudografias artisticas;
restos de columnas envoltos em hera viciosa —
tudo isto num poebico conjunto que prende
a imaginação.

Alfabeti aquilo tudo para restaurar con-
dignamente e viver nele, qual senhor feu-
dal no seculo XX . . .

Em baixo, estende-se a cidade acanhada
e escolhida; a vista bate logo nas colinas
fronsbeiras sem encontrar grandes horisontes;

mas todo aquele conjunto é um encanto e
lá do alto dos muros a vista perde-se a con-
templar as terras derrocadas, as paredes en-
grecidas e a imaginação fica-se a reconstru-
ir os combates que ali se teriam dado, as
hercicidades ali praticadas — a que todas
aquelas muralhas assistiram impávidas no
alto dos rochedos abruptos, desafiando o tempo
e a vaidade dos homens.



Batalha

Coimbra.

1903: 17 de novembro.

Que hei-de eu dizer da Batalha? Que posso eu dizer deesse monumento que não sejam as banalidades já ditas por toda a gente? Eu li livros e tratados acerca da Batalha — mas o que é verdade é que esqueci tudo desde que subrei pelo elegante portal e me encumbrei na imensa nave fria e severa da igreja...

E depois... da Batalha, nem toda a gente pôde falar!

Perante aquellas altas e elegantes colunas, perante a grandesa da capela-mor, ao fundo, com as vidraças multicores, só ha o direito de colher impressões e de as deixar em familia.

Eu tinha lido bastante sobre o monu.

mento e imaginei muita coisa: o cálculo, pareceu, saiu errado...

Quando saí pela estrada de Leiria, minha "myland", escanzada e puxada por uma parrelha de dois animais que pareciam cavalos (os carros, em Leiria, são assim) eu esperava, a cada curva da estrada ver aparecer repentinamente, num grande aparato de canhões e de tanques, o monumento de D. João I e olhava, curiosamente, os horizontes.

No longe, lá muito ao sul, a Serra de Aire; mais perto, colinas cobertas de pinhais e com quintas pitorescas nas baixas onde corre a água. É nada mais.

Só depois de muito andar é que me apareceu com um céu amarelado pelo tempo, o grande e belo mosteiro de Santa Maria de Viteria, enterrado num vale estreito, cercado por um pobre casario.

Sigo a primeira impressão, tudo me pareceu grandioso e de rara beleza; mas à medida que o carro se aproximava, aos poucos, o que via, ia tomando uma maior ~~importância~~ grandezza e dando-me uma mais forte impressão de beleza.

A "mylar", cantareceu o edificio pelo lado das capelas imperfeitas; passou em frente da elegante porta lateral e parou no adro, ao pé dos primeiros degrãos.

O dia não estava bom; nuvens ruivas passavam constantemente pelo sol e não davam o realce que eu queria ver em todo o movimento; contudo, para me certificar de que estava, realmente, na Betelha, perguntei para o cocheiro:

— Betas, é aqui?

Ele, respeitadamente, já cansado, de cartas, de perguntas semelhantes, respondeu

— Sim, meu senhor.

Desci do carro, peguei na minha maquiagem fotografica, olhei a frontaria baixa com a luz baixa do dia e subrei respeitadamente, invocando a memoria do Mestre de Itzig, na igreja de Santo Maria da Viteria.

Como disse, não é para todos dizer coisas da Betelha; não é para qualquer escrever acerca de tanta beleza e de tanta arte; não é para mim, leigo no assunto, deixar jurose boe polere tão alto assunto; só direi que subrei com emoção na igreja e que com emoção me deixei ir atraz do guia falador que me

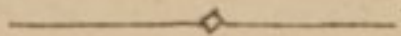
leve-me por ali fora a mostrar tudo. Foi assim que eu admirei o claustro de D. João I com o reeditado monástico devido em cada esquina do projecto primitivo; que vi o claustro de Afonso V, de gótico severo, e de grande simplicidade; que lasbimeei as capelas "imperfeitas", e que reguei umes traço a memoria do architecto que delinheu umes jurela renascença para acabar a obra com mais variedade... De mesma maneira percorri os terraços, as terras reeditadas, os patios interiores. E com maior emoção ainda, a capela do Fundador; mereceu-me uma demorada visita.

Vagueei, depois, muito tempo, pela igreja, com uma concentrada admiração: a enorme e elegante nave central, com os seus 32 metros de altura, surpreende pela severa elegancia e extrema simplicidade; a proporção das colunas é perfeita; a luz é criada por vidraças de ingenhos desenhos; ha em tudo umes grandezza simples que absorve e nos obriga a umes profunda concentração.

Por fim, tive de voltar; não podia continuar ali, naquele passear compassado em

tra o portal e a capela-mor; mandei seguir os miseros amáveis ao fiores "mylaid", e lá voltei eu, enxada fôra, olhando para trás de quando em quando, para ver se ainda avistava o alto dalguma torre do poderoso edificio que o mestre de Irij mandou levantar para atestar aos vindouros aquilo que usaram os seus pés de amais-meuada.

A estrada para Liris é mesmota; pri-
nhais quase sempre, uma ou outra vinha
malgum vale mais fértil; cheguei triste à
cidade e subi a escada do hotel recolhendo
ainda impressões que me deixára o monu-
mento na minha imaginação exaltada e
confusa:...



Alcobaça

Coimbra

1903: 23 de novembro

Quando o comboio parou na estação de Valado, chovia. Que aborrecimento viajar com um tempo assim!

O carro da carreira era um enorme "ripent" puxado por machos suáves que lá foi, pela estrada feia, aos polavancos, esparrinhando lama.

Andada mais dumha legua apareceram umas elevações e a estrada seguiu por um vale estreito onde corria um riacho qualquer galgando acudes, fazendo muita espuma branca que se distinguia bem através da escuridão da noite.

Depois começaram a aparecer luzes, casas pequenas isoladas; e em breve subrei em Alcobaça, a terra cheia de tradições histó-

ricas, coeva da fundação da municipalidade e centro de seu enorme poderio que se chamou a ordem de Bispo. Muitas grandes lojas davam muita luz sobre as ruas e, ao dobrar duma esquina, deparei, de repente, com a grande frontaria da Igreja.

Eu contava ver a frontaria do templo e do convento grande, no centro duma grande praça; mas com o que eu não contava era com a enorme quantidade de barracas de madeira e lona que ocupava a praça em varios arruamentos. Era uma feira anual importante, explicou-me o cocheiro; e com esta explicação que me satisfez cheguei ao hotel, deitei-me e comecei a ler o que Silveira Barbosa escrevera sobre o convento.

E com a leitura sufficiente para a visita do dia seguinte, adormeci...

No manhã do outro dia, o sol surgiu sem nuvens; o vento rondava para o norte e refrescava com tempo.

Depois do almoço, saí. Uma grande rua, larga, com boas casas, ia direita ao largo ao fundo do qual se via logo, imponente, com uma curiosa mistura de architecturas, a

vasta frontaria do caseamento. Carrros cruzá-
vam-se, houvemos com juntas de bois e ca-
valos passavam para a feira; havia um
esmero movimento com o seu quê de cara-
cterístico.

O aspecto da terra é agradável, impres-
siona bem; sobre colinas ferbeis e muito
verdes, correm dois rios que ali se reúnem e
que passam por entre as casas por canais in-
teressantes que fazem mover fabricas; são
eles, o Itleão e o Baga — que segundo a tra-
dição dão o nome á terra; á volta, colinas
suaves, amurbeceem a paisagem documen-
te; tudo comida e uma vida rizada, qua-
se extática, sem polavancos — como deve-
ria ter sido a santa e gloriosa vida dos bons
frades bernardos.

Corri as ruas, examinei a feira, apre-
ciei uns recantos pitorescos dos rios, sobre
as casas; e depois disso, resolvi, sobrei no
grande templo de São Henrique.

No sobrear na igreja de Ilcobaca não se
nota logo a fina elegancia das naveas da Ba-
balha nem a grandezza architectonica da mes-
ma; mas vê-se uma grande nave severa,
larga, muito comprida, de gótico simples

prejudicada apenas pelas modificações de successivas gerações de frades, que agrada logo mesmo para quem traça os olhos cheios das maravilhas do mosteiro dominico e que se infunde logo ao mesmo respeito e á mesma admiração.

No exterior, temos realmente, e infelizmente, as pedras de grandese, mas damos logo com remendos de má gosto e mobilições extravagantes; as colunas da nave central estão cortadas até ao meio naturalmente para tornarem maior o espaço da nave; ao cruzeiro, o orgão está estupidamente coberto sobre duas colunas e pegado por uma vulgar parede de alvenaria; a capela-mór que é em choro, está cheia de talha do século XVIII, dos tempos do sr. Dom João V; os altares do cruzeiro são de um terrível mau gosto.

Os frades fizeram ao templo o que não, por essas aldeias, fazem os "brasileiros"...

Em compensação, fazem, numa capela do cruzeiro, a seguinte construção teve largas perante os túmulos de D. Pedro e de Inês de Castro. Sente-se qualquer coisa ao ver aqueles dois monumentos lavrados que o amor do rei cruel mandou fazer, como li-

ção ao mundo e riu de despreso para quem lhe restava a "misera e mesquinha"; a imaginação corre, sem querer, aos campos do Mondego e segue a poluição da água de Fonte dos Meuneres...

A capela tem pouca luz; há qualquer coisa de triste no ambiente; tudo nos injõe respeito — e a imaginação tem direito a voar á larga dali aos campos do Mondego, do Mondego áquelas arcaas de pedra lavradas com arte...

Sai com uma vaga tristeza da capela tumular e fui ver a sacristia; aqui, diante as portas manuelinas que estão deslocadas, tendo nos cheira ao reinado D. João V.

É pensando nas transformações que se fazem nos monumentos antigos, passei ao claustro chamado de D. Diniz que, apesar das modificações do cardeal D. Henrique, é uma ~~boa~~ obra equilibrada, de severas linhas e de belo efeito scenografico.

Mas... faltava-me uma coisa!

Não queria deixar de ver a maravilha de Alcobaca — o caldeirão de Aljubarrotos...

E o sacristão, um homem baixo e gordo, de boas fêlas, abriu uma porta e disse:

— O sala dos reis . . .

Teu subi e vi uma quadra ampla, com muitas estatuas em pedras (eram os reis portugueses até D. João V); em baixo, quarecendo as paredes, azulejos com a história da fundação do mosteiro; e lá a um canto, abandonado, coitado, o pobre caldeirão de D. Nuno Álvares, sobre um pilar de pedra!

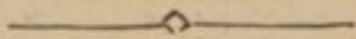
O minha curiosidade artística ficava satisfeita vendo a igreja e o mosteiro; mas a minha curiosidade "histórica" ~~era~~ ~~construiu~~ se em ver o caldeirão heroico . . .

Para completar a visita, fui ao quartal onde vi a sala da livraria que está a cair aos bocados e a celebre cozinha onde entrava e onde ainda entra um braço de um dos rios, para lavar tudo depois das refeições.

E para satisfazer a minha curiosidade de viajante subi á Torre dos Rios para ver o panorama. Não é extenso mas é pitoresco: a leste, a parre de Albandos onde Afonso Henriques fez o celebre voto da fundação do mosteiro; para todos os lados campos férteis, cortados pelos rios que lhes dão vida, colinas vicinas que compõem o scenario a perder de vista; e para oeste, bastante longe, estendendo-se no azul

do céu, viam-se uns bocados de mancha escura do mar.

Seu per deus beleza euphônica, agreda e interessa-nos; e crebái, no quele dia, havia a curiosidade do ferrenqueiro humano que seu baixo se agitava na feira, e que produzia o barbarinho alegre que lá acinua chegava seu urrisono, como o barulho do vento na parraria das arveres.



Peniche

Peniche

1905: 20 de dezembro

A viagem até Olidos não teve nada de notável; encasado numa carruagem qualquer, limitei-me a conversar e a dormir.

Em Olidos quando a força parou e o comboio parou, apareceram-me em frente o castelo, sobre o monte escarpado, iluminado já pelo luar. Não podia desejar mais; e quando saímos com a força e cantávamos o monte para entrarmos na vila — a beleza que eu achei aquelas cobinas de muralha enciada, cortada de terras rectangulares que se recortavam no céu luarento!

Entramos pela porta funda, abobadada, com nichos de azulejos, para a histórica vila; percorremos, à luz do luar, uma rua estreita e sinuosa até a um casarão onde

os soldados ficariam; e depois destes terem ficado armados, fomos á procura da casa da D. Isabel, uma velhota hespanhola que se encanega de receber os officiaes que por ali passam em peruiço.

Já era tarde; o capitão⁽¹⁾ e eu despedi-mos-nos; cada um se foi deitar; e eu adormeci a pensar na serie de rainhas que por ali passariam como senhoras da terra e na triste gafeira que a friidade da Rainha Santa (palvo erro) ali instituiu.

Não dormi muito.

No dia seguinte, de madrugada, choio a casa; a manhã estava triste; mas eu saí perrabeiro da casa e fui ver a vila

Que curiosa que é a vila! Dentro do cinto de muralhas, na encosta dum penhasco que para o nascente desce suavemente mas que para o poente é abrupto e inacessivel, a vila de Olidos conserva ainda uma feição arcaica que inebrensa o mais indifferente. Ruas estreitas; mesmo casa com janela de lavares manuelinos; moute uma

⁽¹⁾ O capitão José de Silva Bandeira.

uma simples aguja; adiante um recorte gótico; aqui um pitoresco balcão; ali uma colunas deslocadas de qualquer parte sustentando um alpendre; e por sobre os telhados, a volta de nós, os dentes das muralhas poderosas que iam terminas, no alto do monte, no fabrissimo castelo medieval.

A' volta, pelo largo, campos amplos sem beleza mas fecundos; montes uniformes fecham o horizonte; em baixo perfeita a linha preta a risar da velhice do colosso de pedra...

Eravam horas da tarde, ferream; voltei ao largo onde os soldados estavam prontos; dali a pouco o capitão deu a voz de marche! e nós pegamos rua abaixo, transpuzemos a porta e metemos pela estrada de Berniche.

Eravam 8 horas da manhã; a chuva parára; no horizonte puz começara a apparecer uma facha de um velho indiano de bom tempo; não estava frio; as estradas sem poeira; o céu encuberto — tudo propiciava uma marcha excellente para os 24 milhomens que tinhamos de andar.

Bem dispostos, ao chegar á linha ferrea, metemos a um stallo para encantar; a conversa começou para animar e eu

ia observando a paisagem — campos sem brilho, mais em novos planos; ao longe recortes de serras; e quando subíamos, de novo, na estrada, á direita havia uma curva ebulção de terrenos, pedregosos e esbranquiçados, enquanto que á esquerda seguia o vale estreito por onde corria um riacho.

Para quem vem de Coimbra, isto não prende os olhos...

Até aqui andámos até á Aveiro e desta ao Casal da Truda. Desde Casal em diante o terreno movimentou-se, a estrada começa a pular em curvas e depois de uma cascata lateral chegámos, através de uma encosta sem graça e sem nada que prenda a atenção, á Serra de St. Rei, pequena aldeia lançada ao longo do planalto duma península que defronta com o mar.

O panorama é, ao menos, amplo; e durante o grande alto que se fez em si, á volta, aquella larga ebulção de terra q. se vai estendendo para o mar que fecha, pelo frente, o scenario e que vem, de dentro, aos polavancos, desde a serra de Aire a leste e das linhas de Torres, a sul.

A aldeia, em si, é incharacterística; apenas chama a atenção um velho paço manuelino que me disseram ser o paço de D. Pedro o cruz — anacronismo que eu tive de aceitar como um dogma.

Mas, para os lados do mar, o panorama tem o seu encanto: a península de Peniche recorta-se como uma mancha amarela na terra; em frente, as Berlengas e os satélites Farolhões; navios passam empachados de fumo; ao norte a ponta rochosa do Baleal, as penedias de Nazaré; ao sul, as ribas uniformes onde batia a espuma das ondas; e abaixo, a histórica Alameda da Baleia, com a sua igreja polinésica ao casario.

As 11 horas e meia começámos a marcha; a descida foi rápida, já se via o termino da viagem e a temperatura baixava ao passo largo.

A estrada seguia em curvas; ao fundo da parra, quando a planície se acanhava, deuses com a Alameda, adiante, com ar alegre; dum câmodo, um homem atento á nossa marcha soltou dois fuzetes e despendeu a correr.

Como a história reza que a gente da
Abençoada é de má raça, chamei a atenção
do capitão:

— Meu capitão! isto foi sinal...

O capitão que ia, de certo, arquiectando
alguma charada (eu que é exímio) rosou
um perceptico "hum!..." que me fez calar.
O que é certo é que, adiante, num muro q.
deitava sobre a estrada, eu vi curruco mel-
tidão meoedica.

— V.êê. não vê?

Eu olhei para a farda como quem veri-
fica o estado moral dos soldados antes de
subir num combate; mas os habitantes
da mal conceituada vila não deram tempo
a que eu exortasse os homens ao cumpri-
mento do dever: ainda não nos tínhamos
aproximado muito, uma girandola, estri-
mulada por um trovão nervoso, subiu
aos ares e estabeleceu alegremente; uns ri-
mos refrigeraram festivos; e uma filarmóni-
ca rompeu com um ordinário marcial,
alegre, quase marcha de triunfo, ao pé de
qual nós tivemos de marchar com impo-
nência através das ruas da terra.

Uns homens de trajes de ver a Deus

soltarem seus discretos rivos; o povo descu-
beria-se...

Final... era uma manifestação de sim-
patia dos progressistas locais!

22 de dezembro

A saída da Alauguia, quando entrá-
mos, de novo, no campo, avistamos ao lon-
ge a casaria de Berniche por cima de uma cin-
ta de muralhas.

Mais adiante, num alto que se fez, eu,
com o binóculo vi claramente um farol-
queiro humano sobre os bequartes e carbinas
e a uma parte ainda interior a estrada, uma
multidão compacta esperava.

— Vamos ter nova manifestação, disse-
eu.

De facto, ao passo que nos aproximáve-
mos, ia-se desliguindo o ~~aparelho~~ aparato;
a estrada, plana, seguia em rectas pelo is-
tmo; á esquerda a praia, á direita peque-
nas dunas de fraca elevação; mas em
frente iam-se vendo, cada vez mais, a amea-
ça de uma nova e maior manifestação pro-
gressista.

Passámos uma ponte de madeira ; as
rectas da estrada peguim-se ; em frente, a
casaria da vila, parece a espreitar por sobre
o traçado farbificado.

Por fim, chegámos ! Campesões re-
gulamentariamente a força ; agitaram-se as
golas ; puxáram-se as mochilas ; o capi-
tão tomou o seu lugar e... invésimos com
a multidão no meio da qual brilhavam os
mebais duma filarmónica.

O Hino da Carta rompeu o mudo silencio
das areias ; o povo deu vivas ; num baluar-
te puleiram foguetes ; ao longe, o mar batia
cavo nos rochedos...

— Alto ! bradou o capitão.

É que em frente, sobre os, estavam as
autoridades de Peviche e as pessoas gradas
da terra para os cumprimentos : á frente o
administrador, de sobrecasaca com uma bo-
rta qualquer na lapela ; o comandante mi-
litar, um velho coronel reformado com cá-
na de bebado ; o capitão do porto de grande
uniforme ; o presidente do Camara ; funcio-
narios, alto commercio local, escolas, etc.
etc. — tudo o que a terra ~~tem~~ tem de
mais cotado, barbeados, com trajo domiu-

queiro, as pressurosas de boas vindas, conjunto curioso e inédito para mim.

Fizeram-se os cumprimentos, apresentações, zumbaias; depois seguimos vila dentro, em cortejo triunfal, no meio da curiosidade indígena: á frente, a garotada saltando canço e costume; a seguir um homem portando fuzetes cuidadosamente; depois o destacamento; logo atrás a filarmónica que toca canço um ordinario; immediatamente as autoridades e gente grãde; e no fim, o povo, numma canço alegre.

Os janelas numma gente; mas numma gente também em magotes; numma festa!

Assim se atravessou a vila, por canções e ruas de bom aspecto, até á fortaleza; á entrada desta pelos revalios classicos que protegem a ponte sobre o fosso, a musica parou e a multidão estacou; daí para dentro só subreu a força militar e autoridades — e nós encontramos-nos, finalmente, livres da manifestação.

Estavamos na principal explanada quando o capitão mandou alto; para a esquerda, numma parie de canhoneiras que ~~estão~~ deitave sobre o mar; á direita numma casa

com larga varanda coberta; mais adiante outras casas — pequeno mundo de reformados que não arrastando os últimos dias naquela vida contemplativa. Estávamos no aguardelamento da graça; começámos a tratar de acomodação da soldadesca; e eu ia vendo o aspecto geral de tudo aquilo que, francamente, me agradava.

Residência do século XVII; o mar largo e bravo em frente; que mais queres eu?

A meio da acomodação do destacamento, um policias veio com um officio para o capitão: o commercio convidava-nos para um jantar íntimo...

O capitão não queria; mas eu não me resignava a perder aquelle espectáculo p. peria curioso e conseguí convencer o capitão a receber o dolman com charlateiras e a irmos á hora marcada, polevas e grãos ao refasto festivo.

Durante o jantar, a filarmónica percorria as ruas com archotes acêros; quando parava em frente do hotel (onde se realisou o jantar) havia vivário do povo que a acompanhava.

Pauiche estava em verdadeiro delirio progressista... Algumas casas fizeram luminarias! Pelas ruas o povo e a gente grande passeava e vinha estacar em frente do hotel onde íntavamos...

Houve brevedes, é claro, á soberanessa; o administrador, que é official reformado, fez um discurso em que ligava as maravilhas da harmonia do estado civil com a disciplina da organização militar; um commerciante expoz as vantagens para o commercio da permanencia da tropa como elemento de ordem; o presidente da banca alludiu ao prestigio que dava á terra a presença de tão distintos officiais do exercito...

Enfim, o champagne era bom; e tudo acabou por uma recepção em casa do administrador onde as filhas me convidaram para as ajudar a remar na baia, quando o mar estiver mau e o frente fôr calmo...

27 de dezembro

Que soberba casa, o temporal de azeitun! A minha casa, nella edificação da graça, deita para uma varanda coberta sobran-

ceira é a explanada principal; em frente, está a muralha rasgada por canhoneiras que dominam uma parte da baía do sul e construída sobre rochedos altos cortados a poucos metros sobre o mar.

Assim, as ondas vão bater na base das muralhas, entram pelos buracos dos rochedos que se ramificam por debaixo de toda a fortaleza e atiram com a espuma, ao de leve, até às canhoneiras.

Mas até ao vento era medonho; o mar estava feroz; quando o maré subiu, as vagas, que eram altas e turvas, vinham de encontro às rochas com violência, subiam pela muralha, galgavam as canhoneiras e espatifavam-se subitamente pela explanada. Quando a tufada do vento era mais forte e coincidia com o marinhar de onda, a água subia a grande altura, varria com chicotadas o terreiro largo, vinha bater na varanda e chegava a subir por debaixo das portas e janelas.

Que espectáculo soberbo!

Eu e a família do capitão (que tem cá a esposa e uma sobrinha) estivemos todo o dia o mar, presos pela novidade e pela gran-

deza do espectáculo; as peuhoras, á porta da casa, e eu com o capitão na varanda, com capote e capuz na cabeça.

De repente, uma onda quebrava; reunia-se em um pom cavio e um ligeiro estremecimento sobre os pés; logo a seguir, em frente, um leucol de agua levantava-se a grande altura, estendia-se, contorcendo-se; o vento, ás lufadas, impelia aquella massa ligeira e ela aí vinha, explanada fôrta, violenta, furibundando com furor, varrendo tudo até bater de encontro ás paredes da casa; as peuhoras fugiam para dentro, eu e o capitão encubrimos-nos com as columnas da varanda, e a agua, como grosso chuveiro, passando pelo telhado da casa, ia cair nos telhados seguintes.

O mar, agitado, tórvo, era quase um mar de espuma; uma chuva grossa, de vez em quando, aumentando a cerração, vinha auxiliar o efeito das ondas sobre a graca.

Era uma coisa soberba!

O meu impedido, serrano da Pamfritosa e que nunca viu o mar, dizia-me que aquillo era o fim do mundo... Aquelle bater cavo, profundo, das ondas nas furnas

por debaixo da fortaleza, era para ele qualquer causa de ameaça infernal para este mundo pecador; e no recesso de uma morte horrível, auctas livido, resando orações por entre dentes, escondido, peiu saber onde iria encontrar segurança.

Na verdade, o caso não era para quemos; aquella agitação do mar, aquelle invadir das ondas pela explanada, aquellas lufadas de vento de extrema violencia, aquelle noturno bater da agua nos subterraneos — são causas de uma influencia magnifica que devem impressionar fortemente uma creatura habituada á placidez das serras, ao pocego dos vales fundos, á tranquillidade das aldeias perdidas entre pinhais.

— Isto não passa de hoje, meu alferes!

O pobre rapaz não contava chegar ao dia seguinte...

Mas, voltando ao mar... Isto longe, por entre a cerração, vê-se formar a vaga, alteiar o dorso cheio de manchas de espuma, avolumar-se; caminha para terra no cegadamente, com seu andamento fatal, sinistro; ao aproximar-se, com uma contorsão interior, violenta, eleva-se,

perde um pouco a parella magestade que trazia; ao pendir no peio as arestas das rochas, tem uma commoção maior, agita a espuma branca que traz no dorso, caulta-se mais, deixa a influencia poderosa que a fazia sobresair no caminho e cai com furia nos rochedos; por um momento, um fugaz momento, só se vê espuma numa confusão caótica; caulta-se um pouco mais, profundo, no interior da terra que comprime o coração; mas logo a seguir aquelle caos de espuma sobe como um ariste pelas penedias, desliza pelas muralhas, envolve as canhoneiras, eleva-se ao ar em colunas, em bueiros, em chuva grossa e nem cair, cobre a explanada, como uma massa implacavel. No mesmo tempo, os respiradouros das furnas que ficam debaixo da fortaleza, lançam umas colunas de agua tenue, muito tenue, quase como fumo, semelhando ao vapor de agua das caldeiras quando descarregam a pressão.

Logo passa; a explanada fica livre; mas se olhamos para o mar, vê-se logo uma outra vaga a formar-se, a altejar o

derro cheio de manchas de espuma, e avolumar-se, a cerninhar para terra pocejadamente, com um movimento fatal, de encontro ás rochas.

É o drama repete-se constantemente; por isso o pobre paranoico que é meu impedido dizia que isto não passava de autêntico...

At final, passou.

30 de dezembro.

Ante-ontem, quando o meu impedido entrou no quarto pela manhã, a primeira coisa que me disse foi que um navio tinha naufragado.

Eu, por entre o póvo da manhã, não senti grande admiração pois o temporal tem combinado; mas, ao mesmo tempo, senti uma impressão triste ao pensar nesse naufragio por noite escura, no meio de vendaval, numa costa cheia de perigos.

Levantei-me; e quando abri a janela e me encobrei com o vestuario suficiente para vir á varanda — onde já cantava melancolicamente a minha alegre vizinha —

peguei no binoculo e comecei a observar toda a baía. O mar estava cavado, a espuma branca levantava-se magestosamente de encontro aos rochedos — mas não havia sinal de navio naufragado.

Saí e fui ás terras do norte; o cabo Carvoeiro lá estava no meio dum mar agitado fazendo a península ás Berleypas; tudo tranquillo pela terra eua da península; e pómente, por detrás dos rochedos do Baleal se viam dois mastros dum navio e a extremidade dum cano. Nada mais. Para o norte, os altos de Nazaré; em baixo, na praia, as ceadas vinham quebrar-se em linhas paralelas de gelo effito; para a direita as ondulações da terra iam pender-se numa neblina que se arrastava por aquelles pinhais.

O naufragio fôra no maldito Baleal, de negras tradições; senti uma commoção grande ao ver a inutilidade daquelles mastros e daquele cano, peguei aquellas rochas malditas de saltadores e de quem me virão tantos desgraçados.

Quando fui stuoçar já se sabiam por-me-nóres; era um vapor inglez carregado de carvão; vinha de Cardiff e ia para Malta.

Já lá estavam a guarda fiscal, o administrador do concelho, o vice-consul inglês, a sociedade de socorros a naufragos, etc. etc.

Espetou-me ir ao Baleal; mas o dia real encarado, carrancudo, com vento frio, fez-me desistir; no entanto alguma coisa vi do naufragio quando fui jantar.

Na direcção do hotel, atravessando a praça, vinha um grupo de homens enfarruscados, mal vestidos, com cara de fome e de cansaço: eram os naufragos que abandonaram o navio e vinham recostar-se a abrigo hospitaleiros.

Em frente, uns, em numero de cinco, mais bem vestidos, eram os chamados officiais de bordo; os outros, cerca de uma dúzia, ou talvez mais, eram os tripulantes.

Os primeiros vieram jantar á mesa do hotel; os outros cearam num esparbio-meuto qualquer da casa.

O immediato, bom tipo de inglês, simpatico, delicado, falava qual o português; o maguista ~~o~~ chefe falava um terrivel esparhol; o chefe dos pilotos um pessimo francês. Aquelle jantar foi uma Babel... Eles eram amaveis, pediram desculpa por

vincem ruijos, esforçavam-se por serem amáveis. No fim, levamos-os ao "club" da terra onde jogaram o bilhar e onde, depois de uns copitos do Porto, esqueceram desgraças e até dançaram alegremente!

Mas, o mais interessante foi na casa onde cearam os marujos e maguimistas. No fim do jantar um rapaz novo, de cara esquelada, de grande leuco em volta do pescoço, tirando o cachimbo de boca, começou a cantar em pé, com certo ar religioso; acabada a primeira estrofe, todos os outros, tirando também o cachimbo, começaram a cantar, em câno, pomero, lento, de andamento vagaro po como o balançar das aúdas, a mesma coisa que o outro primeiramente cantara.

No acabar, ficaram a olhar uns para os outros, em silencio; depois levantou-se um homem, baixo, de bigode ruivo caído, e começou um outro canto lento, com tristesa, como cânico religioso; peguiu-se depois o câno lento, em tom compungido, no meio de uma reverente atenção de todos — e eu quiz ver em tudo isto um cânico de agradecimento á divindade por se encontrar em pão e salvos.

O fumo dos cachimbos já quase enchia a sala de tecto baixo; um candieiro ao centro, aceso, dava uma fraca luz; tive a impressão de que estava no compartimento dum navio a virado, solemnemente, um cambico de graças.

Aguião era triste e impressionou-me. A cabeça de dois ou tres já descaía sobre o peito, com cansaço; os cachimbos ficavam ao canto da boca, inermes; e, talvez para alegrar e afastar a sinistra visão do naufrágio, um rapaz começou a cantar uma canção alegre que provocava num su morto um palido sorriso — mas em todos eles se via a canceira da noite passada na luta com o mar e talvez com a morte; a ligeira alegria que um ou outro manifestava era mais um passageiro resultado do bom jantar e do infalível whisky peu pouda que beberam como bores ingleses. O pômo, a pouco a pouco, venceu-os.

Mas também, com um dia bom, é que fui ao Baleal!

De mais a mais, quando almoçava, vi passar uma alegre burricada com penho

nas e napezes da terra que o creado me des-
pe irem para lá.

— Nada! dê por onde der, vou ao Ba-
leal!....

Consegui pécamente arranjar um ma-
cho eueuue, descomunal, quase um camelo,
arreado com uma pelá de campino e lá fui
com o secretario da Camara, que ia num
burro, pequerrinho, muito baixo, por aquelle
areal fina, ao longo da costa; custou a che-
gar, quase uma hora daquelle friso monoto-
no, sem qualquer variante; mas por fim,
á hora da maré cheia, peris uma de tarde,
defrontamos as pedras traicoeiras do Ba-
leal.

Uns rochedos eueuues, solrefostos,
que ao longo seuelham um animal descon-
forme de dorso rugoso ali deitado, ligados
á terra por uma estreita passagem de areia
que a maré cobre na fraiz-mar — eis o
que é o Baleal.

Lá em cima, ao longo do dorso, umas
fiadas de casca brancas; á volta, o mar
iuuuso, alegre, palpicado de espuma, espe-
danando por um e outro lado, sob o sol
acariciador de iuverno.

No atravessar a ponta de areia, já as ondas passavam de lado a lado; esperei uma ocasião, meti o macho a galope, ao passo que o meu companheiro, com as botas quase a tocar na água, se molhou ainda alguma coisa. Subindo, por um caminho aspero para a povoação, vi, eubão, o rojão inclinado, com a frisa muito alta, e a ré quase debaixo da água. O mar estava ~~em~~ mauso, de modo que as ondas, no seu vai-vem, o cobriam sucessivamente, sem o fazer mexer.

No cimo, seguimos por uma maritã, com casas rez-do-chão, todas baixas, sem affecto; e eu, ao entrar no lugarejo, levantando o braço direito, decima do meu proante macho, dizia para o secretario de Camara, lá em baixo, no pequenino arruallajo que montava:

— Que dizes, Sancho amigo, a estás extranhas aventuras por que as nossas damas nos têm feito passar?

Ele achou graça — porque, de facto, ao longe, quem nos visse, diria que eramos o D. Quixote e o gordo Sancho Pança! Isto disse-lhes, de certo, as senhoras quando, a uma esquinha, fomos ter ao posto fiscal onde está-

na a família do tenente comandante da peçã, as filhas do escrivã de fazendas, e mais umas outras que eu veio passar na barrica — e que se riram com tão estranho apanhecimento . . .

Aquilo, afinal, não era um naufrágio, era um "pic-nic"! O dia lindo, o pôr do sol bonito, o mar quase chã, o sol acariciadã, o espectáculo novo . . . que mais queriam aquelas gombis pernicheiras que chilreavam e esvoaçavam por sobre aqueles rochedos?

O navio ali estava, com a grã mesmo junto dos rochedos, afocinhado precisamente na occasião em que qualquer outra maior o levantava; ali ficou entalado, e agora varrido mansamente pela vaga, vigiado pelo guarda fiscal e cubricado pelos saltadores do arredores que esperam que ~~este~~ ele arrebeute para apanhar os pedregulhos.

Fez-me impressão tudo aquilo; mas o dia estava maravilhoso, o céu azul, o sol acariciadã, o mar quase chã — e pelos rochedos, desceidas, as raparigas saltavam, brincavam e riã . . .

31 de dezembro

Quando meutai, momentaneamente, no grandioso macho para regressar, encontrei esportiveiros: o escrivão de fazenda, o amanuense do mesuro e o secretario da Camara, no mesuro berrinho manso

No descer dos rochedos, a maré tinha chegado ao maximo e as ondas cobriam de lado a lado o estreitissimo istmo; os animais como vinham para casa, facilmente metteram a galope por sobre o leurol de agua, esparrinhando espuma, salpicando tudo.

O escrivão de fazenda, o baldas, leu-brasi, por ser ainda cedo, que desceram uma volta.

— Vamos lá! disseram todos.

E assim, em lugar de seguirmos a trazez pela praia, subimos á esquerda a umas dunas de areia; em frente só via esdulacões claras de areia, cobertas, malguns pontos, de umas heruas rasbeiras; ao longe umas casinholas agrupadas; e fechando o horisonte umas elevaçoes da serra da Itaugua, da serra d'El-rei e da Lagoa de Olidos. Eu, como ia sobre o grandioso macho, espe-

cie de dromedários, dizia para o Baldas que ia todo presencioso num bom cavalo:

— Sr. Baldas! Parece que vou num cauallo, explorando o deserto do Saará...

E peguia magistrosamente. O Baldas, lá de baixo, olhava para mim, piscava um olho, punha a mão em pala e dizia-me

— Ph! aude o sr. vai!

Com ditos alegres e boas conversas, a cavalgada peguiu a travessia do extenso areal até que, atravessando uns lodacais aude a agua cresceia com abundancia, chegámos ao logar jo do Ferrel — bem tristemente conhecido pelo seu numero de ladroes e malfeitores que nele vive.

Explicaram-me os companheiros que, quando austa que algum navio deu á costa, os habitantes do Ferrel pegam de uma auxada e lá vão para a praia á espreita, e ver o que ha de roubar e quem ha de matar se necessario for.

De facto, enquanto atravessávamos as dunas, encontramos grupos acampados num mesubiello mais alto de aude se avistava se o vapor; ali estavam, de observação, á espera que o navio rebentasse para cair em po-

bre os despojos e apanharem o que o mar lhes lançasse a terra.

Dizeram-me os mesmos companheiros que estes selvagens têm sustentado verdadeiros combates com a guarda fiscal e com a tropa de linha em que se batem desbriçadamente e nos quais morrem com valor; mas a sua crueldade é tradicional com os naufragos.

Ha anos naufragou um paquete nestas paragens e muitos naufragos vieram parar a terra, uns vivos outros mortos; o desastre deu-se de noite — mas o certo é que de manhã, no chão, só havia cadáveres e estes, em parte, mutilados nos dedos que tiveram anéis e nas orelhas que tivessem brinços!

Mas adiante.

Passado o Ferrel, seguimos á aventura na direcção da estrada; subimos, desceu, passámos subeiros, transpuzemos ladeiras até que chegámos á povoação das Casas Brancas, situada em um alto; daqui, a vista estendia-se ao largo, para o mar: o sol que se caia, encuberto em nuvens, sobre a água; o mar, negro de todo; a península de Peniche desenhava-se sobre este negro onde brilhavam as luzes dos faróis; mais

adeante, as Berleuzas, pumindo-se no escuro da tarde; e em baixo, até ao literal, a grande extensão de areias.

Sobre o peço do mar, recortava-se a igreja da Matuzia; e daí a pouco a luz intermitente do farol da Berleuga Grande começou a aparecer, através da nevoa, como um foguete que ao longe estalasse no escuro do céu.

Chegámos, por fim, á estrada; era quase noite; ao troté e ao galope, fomos passando os 7 quilómetros que faltavam para Beriche pela estrada monotona.

Na Matuzia, vi novamente a velha igreja com restos de aguias já perdidas no meio da cal civilizada de alguma benevolência Junta de paróquia e com um campanário que desta, por completo, do aspecto ambigo da edificação; numa venda, o baldas, pagou umas dúzias de faguetes que comprára para a recepção do destacamento; e de novo seguimos, pela estrada fãra, conversando, pumbindo a lã. Na palpica as botas — enquanto a noite ia caindo, escurecendo tudo, mal deixando ver ao longe o farol do barrosoiro por entre a cerração que subia.

O mar, ao longe, rugia; á frente, o

contorno abaluartado de vila, real se desvina-
va; eram 6 1/2 da tarde, entramos na vila, po-
lênes e esfomeados.

1806 : 2 de janeiro

Logo no dia seguinte ao da reunião chega-
da a Peniche, não resisti á vontade de ir ao
Cabo Carvoeiro.

Devia falar do Cabo Carvoeiro como de
um terrar para a navegação, como causa
de terríveis naufragios, de desgraças sem
conto. No inverno, durante os temporais,
era vulgar ver noticias de navios perdidos
no Carvoeiro, quer com a corrente, quer
com a violencia do mar, quer com a fúria
do vento. E fui, caminho fóra, de binoculo
a Kinacolo.

A estrada segue em curvas por sobre
dois muros, ora caidos ora de pedra solta;
não se vê nada para um e outro lado; só de
quando a quando, malgum paubo em que os
muros baixam, lá se avista para o norte o
mar azul, as areais de For do Troelho, os altos
da Nazaré, ou para o sul o mesmo mar
tranquillo, com o cabo da Roca, lá ao fundo, a

entrar pela água, como a grãa aguada de um alteroso mar; ou ainda para o nascente, a estreita tira de areia branca que liza Peniche é terra firme. Mas, se se conseguisse, com algum muro mais baixo, ver os terrenos á volta, vê-se a coisa mais feia deste mundo...

Quem é de Coimbra e ali tem passado a vida e vê estes terrenos escuros, com muros negros de pedra polta ou pedras de rama também escura, sem vegetação — nota a diferença que ha entre o bomito e o feio...

Mais adiante, quozas de uns dez minutos, chega-se a um esarume terreno, com casinhas baixas á volta, com um coreto ao meio e com uma capela, ao fundo, para a qual se desce um oito a dez degráos: era o mitio dos "Remedios" — forma abreviada de tratar o local da capelinha milagrosa de Nossa Senhora dos Remedios.

A capela nada tem de notavel a não ser o fôrro de azulejos das suas paredes e a grande quantidade de quadros robivos.

Ali, o que tem que ver, é a costa, que desce abrupta logo atraz da capela. — esarume accumulacão de pedras sobre pedras, numa confusão tal que se diria que estas assiem

desde que a crosta do globo se começou a solidificar. A água espandava-se com força por sobre aquela trapalhada, espumando, escoando-se, cobrindo uns e outros rochedos e eu fui seguindo pelo alto da península, para o sul, em direcção ao farol do cabo que eu via a certa distancia, na branca e estúpida immobildade de todos os farsis.

A costa, para o sul, como ao redor da península, é a mesma aglomeração fantástica e desordenada de penedras: aqui, cantadas a prumo, com grandes furnas e evernes paliencias; ali, bocados pequenos, negros, uns sobre os outros, confusamente, por onde a água salta, espumando, constantemente; em ~~uma~~ frente, mesmo, um enorme rochedo isolado, comprido, muito alto, disforme, a que chamam a Mãe dos Carros em razão de ser o poiso constante daquelas aves negras que o cercam egracadamente; perto, uma modesta cruz de ferro com um telheiro ainda mais modesto, atesta a morte dum homem depois dum triste naufragio; e ligando todo este conjunto, o mar irrequieto, o mar cheio de espuma, mexendo-se, pulbando, desceendo, passando por sobre as ro-

chas e as caricias, escondendo-se pelas fumas escondidas com resplandes de sensualismo.

Mas eu freio, bebo ao presente, e que estava para mim a novidade: no mar azul passavam e cruzavam-se navios, e lá adiante elevava-se a Berleuga, ilha pequena mas altérrima, abrupta paciência, desfrida de verdura, de aspecto selvagem; sobre a direita, como duas pedras colossais tombadas para ali, ao Deus dará, estavam os Farelhões; e sobre estes e a Berleuga, vi, com o binóculo, uns outros rochedos, pouco emergentes ao lerne de água, e que á vista desarmada não se alcançavam. Scenario magnifico!

Estava eu presença da costa negra das cartas inglesas — dessa costa terrível salpicada de naufragios, cheia de perigos para os marinheiros, recesso constante das confusões de navegação! E no entretanto, que poço a que beleza eu via ali, naquele dia luminoso, cheio de alegria, com o mar bonancoso a sorrir ~~na~~ na espuma branca que lançava sobre as rochas! Que paz havia em tudo aquilo, que harmonia dos elementos!

Não! os ingleses não eram justos: aquella costa era a costa luminosa!

Assim cheguei ao farol : olhando para o mar, alcancei toda aquella extensa freguesia de Nazaré ao cabo da Roca ; as Berlengas, na frente, mais potentes, recortadas no azul, tinham influencia scenografica ; e eu ali fiquei tempo esprecido, observado naquella scenaria simples, mas admiravel, vendo bater as ondas nos rochedos — velho espectáculo conhecido, mas sempre novo e sempre variado.

Por fim, voltei a Peniche pela costa do sul, contornando a rocha escarpada ; vinha cheio de sol, de ar maldado, de luz daquelle dia incomparavel ; vinha satisfeito comigo, vinha satisfeito com o mundo...

No subir á varanda de minha casa, e vizinha gentil, com a frescura dos meus dez e seis annos, cantava-me alegremente.

6 de Janeiro

Que bello dia, o de ontem!

O mar, mesmo, estava em uma maravilha ; apenas em uma leve ondulação se percebia, apenas o brulho do sol o agitava ! Havia em uma ligeira neblina, muito tenue, mas que,

mesmo assim, confundia os planos afastados, e dava, aos olhos, uma certa uniformidade. Navios deslizavam polidamente, naquelle lago tranquilo: os imponentes transatlânticos, com o seu vulto formidavel; os vapores de carga, mais modestos, de armadura mais baixa; navios de vela, brancos, como gaiolas brancas a esvoaçar. O céu estava bello, o dia de ontem!

Da varanda coberta da minha casa, via-se tudo isto, sentia-se o sol acariciador de primavera, ouvia-se o canto jovial da minha gentil vizinha.

Fiquei, pela varanda, todo o dia, com meu canção do pevario...

A tarde, quando o sol já caía e as horas do jantar se aproximavam, é que saí da fortaleza, ainda cheio da paz daquelle dia, impressionado da tepidez daquelle sol.

Para da fortaleza, cornei á direita: á janella, vi a menina Bôto, uma linda menina de olhos grandes que reflectem a profundidade daquelle mar misterioso; desci á rua da doca: a tarde caía tão serenamente que me impressionou aquelle placidez tão harmoniosa e tão doce...

A praia lá estava, com as areias pequenas a quebrarem-se brandamente; gai-votas voavam em bandos alegres sobre a es-puma; mulheres corriam á procura da areia fina com seus sacos especiais; ao lan-çe, na estrada, passava gente; e a peregrida-de magestosa da tarde não se alterava.

Contornei a doca; peguei pela chamada «ponté nova» de madeira, presa á muralha dum baluarte e parei ao fundo: lá está-va o mar a escurecer, toda a costa a perder-se na bruma da tarde, o céu a arroxear-ne-ro fosco; adiante, na «ponté da investida» uns marinheiros conversavam, com in-dolencia, fuzando o fumo do cachimbo; e as mulheres da areia iam passando por diante de mim, já carregadas, dando as «boas noi-tes!»

Por toda a parte — quer no mar, quer na terra — a mesma paz dum entardecer sereno, a doce quietação de natureza depois dum dia de trabalho.

Seguei pela muralha da contra-escarpa; lá estava á direita o areial do istmo, com as muralhas artificiais para obstar á invasão das grandes marés; á esquerda o fosso das

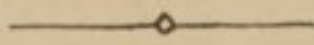
fortificações ainda entra a água do mar; re-
zei pela muralha fôra, olhando: lá estavam
ao norte, os rochedos do Baleal com os mas-
tros do navio naufragado a assomarem; lá
ia a estrada queia escondida na areia; lá este-
ra o mar da outra costa — tudo na mes-
ma quietação e na mesma doce magnifi-
cência de côres.

Quando cheguei á porta do S. João (porta
aberta quem dos baluartes) subrei: a mes-
ma paz, o mesmo poço; haseiros, a cave-
lo, atravessavam o areial para as suas ter-
ras; mulheres entravam com sacos de areia;
uns raparitos apanhavam conchas no fundo
pedregoso e escarpado do porto; e a tarde
caia com leubidão soberba.

Debro da muralha, já quem das ruas
da vila, um cocheiro atrelava os cavalos á de-
ligação da tarde; uns bois pastavam na rel-
va do atarvo da muralha; e adante, na praça,
o medico e o farmaceutico passeavam, feren-
do horas para o jantar, enquanto na janela
da botica do Proença umas raparigas bonitas
conversavam com a vizinha, a filha do Oli-
veira da loja de panos. O escrivão de faren-
de, triste, andava dum lado para o outro; o

Andrade, o grande jesuíta da Terra, passava com a esposa; adiante iam as esposas do Albreu policitador e a do Oliveira; um grupo de rapazes da vila ia de carro para Obidos, alegremente; e eu, com os meus dois comensais, o medico e o farmaceutico, seguimos pacatamente, sob a docura daquela inegualavel tarde, para o sacrificio dum excelente jantar com cozinhado...

Já havia estrelas perfurando o azul do céu; do mar vinha um vago cheiro a salgado envolvido no murmúrio leuê das ondas.



10 de janeiro

Uma das maiores curiosidades da Terra, se não é a maior, são as rentas e... vá lá! as rendadeiras...

Segue uma pessoa por qualquer rua e se olhar para a esquerda e para a direita, vê, por quase cada parte e quase cada janela, pelo menos uma rendadeira, e ouve continuamente o tinir seco dos livros no seu incessante movimento. Velhas já curvadas sobre as almofadas por causa do cansaço da vista; rafa-

rigas novas desenhadas, mexendo com centenas de livros; mulheres de certa idade, algumas de má aspecto por causa do trabalho sedentário; rapariguinhas de 7 e 8 anos, vivas e alegres — tudo isto trabalha com livros, tudo isto sabe lidar vertiginosamente com centenas daqueles pausinhos torneados que giram por entre dedos, e que não fazendo crescer na alfomada, muitas vezes, como verdadei-
na obra de arte!

Quando vou com vagar, acontece que, ao passar por casa ou de vez a outras vezes no meu trabalho, aproximo-me, encosto-me á janela, cumprimentando amavelmente, peço licença para olhar e fico a ver aquela vertigine dos livros, movidos com agilidade por essa família inteira — desde a avó, curvada pela falta de vista, até ás netas, faladoras, amáveis, alegres...

É por entre a conversação e por entre risos, as roupas crescem ao pom do tinir seco de centenas de livros finos e sob as pernas caudinas de puilhares de alfinetes.

1907: 23 de janeiro

Fez ontem um ano que eu cheguei a Coimbra vindo do destacamento de Peniche; já lá vai um ano!

Nesses belos dias de sol, sobre os rochedos a pummo, com o mar infinito em frente, eu passei o tempo mais pocegado e mais tranqüilamente a meu da minha vida.

Sem o frio das outras terras, com a solidão acariciante do mar, com um pocego difícil de esquecer nos pitios, Peniche deixou-me uma agradável lembrança, uma indelével recordação; e hoje, quando ainda vejo — passado um ano — com um dia de sol bom, o cabo Mondego, ao longe, como um grande animal que ali caixe sobre a planície, eu tenho uma pontinha de vagueza saudade por esses dias descuidados, passados na mais negligente das vidas, na mais despreocupada peregrinação...

Ho levantando-me, pelas manhãs limpidas, quando eu afastava a cortina de papel de seda das janelas que deitavam sobre a varanda, para ver o dia, eu tinha sempre em frente o mar enorme, o mar infinito, o

mar infinito, era lisamente azul, com
 uma vaga neblina que encobria levemente
 o horizonte, era terço, grandioso, agitado
 por cumbrões desconhecidas.

As ondas vinham bater em baixo, na ro-
 cha; um leve arrefio trespassava o velho for-
 taleza, subindo temerosa; e os dias corriam
 serenamente, amavelmente, indiferentemente,
 como o fumo, ao longe, que os vapores
 iam deixando pelo ar azul.

Os dias passavam e a vida ia assim
 passando; as marés subiam e desciam; as on-
 das cobriam e descobriam os rochedos; o sol
 atravessava o azul...

Por isto, por tudo isto, eu sinto uma va-
 ga pontinha de saudade quando em dias de
 sol límpido eu vejo ao longe emergir da ple-
 nície esverdeada, o nulto papueidermico do
 cabo Mondego...



Tomar

Coimbra

1904: 7 de janeiro

Duma volta de estrada, depois de andar uns 8 quilómetros do paislho para lá, vê-se o enorme campo onde corre o ribão e, em baixo, a cidade, plana, pequena, com a casaria alinhada em filas regulares. Logo á descida, depois desta primeira e agradável impressão, em frente vê-se no alto de uma colina elevada, o histórico castelo dos Templários e do Ordem de Cristo com a Torre de menagem esbranquiçada onde ainda se rasga uma janela gótica.

A estrada continúa pelo meio de altos campos e entra na cidade com o nome de «Avenida da Graça» — nome lindo posto afinal a uma rua larga, ensombrada por pequenos álamos em grupos junto da va-

letas e umas casas baixas, medianas, dum lado e outro.

Atuerrida de Graça! Como achei poético o nome; como me impressionou logo bem, como me dispôs exalcentemente! Que lindos nomes de ruas iria ver eu tomar!

O cocheiro levou-me ao hotel que fica na rua principal que ainda conserva o nome tradicional de Corredoura — sobre designação agradável a que presbei atenções.

Instalei-me; e, como não eram ainda horas de jantar, saí e dei uma volta.

No fundo da Corredoura ha uma ponte sobre o Nabão; ao pé da ponte ha um acude onde a agua represada; nas margens, choupos, salgueiros e chorões caem sobre a agua docemente; para um lado, a casaria da cidade estabida sobre o monte do convento do Cristo; para outro, o campo cheio de vegetação a pender de vista. O local é pitoresco, é agradável, é movimentado; e para não ser todo bucólico, umas poucas de chaminés das fabricas de fição esfriam por sobre os telhados e vão lançando o seu rolo de fumo na atmosfera tranquila. A tarde cae e uniformisava toda a variedade da paisagem.

A cidade é pequena, plana, vê-se
 num relance; é, porém, interessante é a
 sua situação é excelente — sem contar, é
 claro, com o convento de Cristo, lá no alto,
 maravilha da terra, verdadeira causa das vi-
 sitas aos alegres campos malandinos.

Sobe-se para lá por uma íngreme la-
 deira; e depois de passar por uns portais
 baixos em ogiva, entra-se no pátio ajardi-
 nado do convento, onde se deflora logo com
 o contraste curioso da velha charola de Gual-
 dim Pais com o rico e ostentoso portal
 manuelino da Igreja.

O monumento é um conjunto de es-
 tilos architectonicos: o claustro dos Felizes,
 severo e ríspido; a janela da casa do capitulo,
 exuberante e magnifica; o claustro dos Coiros;
 os tumulos goticos, de delicadeza polia; a
 Igreja reformada pelo rei rebuscado; e... a
 habitação do conde de Tomar, incharacteristica
 e abaravileirada... Tudo vi como quem gos-
 ta de ver — mas não sei de arte o neces-
 sario para comentar o que vi.

Não sei mesmo se a conservação do
 monumento não tenha falthas dignas de re-
 paro pois me pareceu que andam ali com-

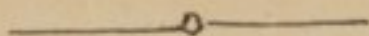
petências de devidora competência á volta
daquelle amentado de belezas.

Mas enfim: á volta, pelos campos e
por sobre a cidade, a vista recreia-se com deli-
cia; em baixo, a casaria alinha-se em talhões
regulares; o rio corre em breves curvas por
entre verdeira farta; adiante, a Torre de S.^{ta}
Maria dos Olivais sobressai ao olivedo triste;
para o sul os campos ferbeis, cobertos de oli-
veiras, ricos de agua, que lá baixo se vão
unir ás lezírias; e para o norte, a massa
escura da fabrica de fiação erigida de charmi-
nés e as colinas regulares, de ondulação qua-
se, que se vão perder nas serras.

É um panorama quieto, tranquillo,
sem nada que quebre a serenidade campesi-
na do conjunto; a propria cidade não faz
barulho, vive silenciosamente encastada
no arvoredo; e as fabricas lançam a ruído,
de vez em quando, um fufonito alegre que
logo se desfaz...

Por uma bela noite de luar, seriam 11 ho-
ras e meia, vesti-me como para Bai-
alvo; tomei o comboio para Coimbra; dormi
pauco, recostado nas almofadas da cama.

quei; mas ao acordar, ao amanhecer, eu
vi pelos vidros ovalhados os meus lindos
campos do Mondego e ao longe, a sparecer
por sobre o nevoeiro e os chapós altos, a
meinha terra que se espreguiçava pela colli-
na e abria os olhos ao belo pol creador que
a purpreeudia com caricias de ouro.



Torres Novas

Coimbra.

1904: 1 de janeiro.

Dormi por quase duas horas da manhã quando o carro entrou na vila de Torres Novas. A trovada que se faria sobre Santarém e que seria para o norte afastar-se, mas a noite estava negra como breu. Pelas ruas se ouvia a vida.

Fui-me deitar e dormi. Só de manhã é que comecei a ver a terra — e logo ao café matutino, o castelo apareceu-me em frente da casa de mesa do hotel, negro, bem tratado, com a cabine completa e de certa elegância e a praça central da vila, em baixo, de chão irregular, ampla e alegre e onde uns homens de peissa, é ribatejana, conversavam de cá para lá. O café e as trovadas não estavam máis...

A vila é mais ou menos plana; o rio Almonda atravessa — e em curvas pitorescas e sombreadas, malguezos pontos, por palqueiros grandes; mas as ruas são, em geral, estreitas, e as casas na maior parte, baixas. O largo central que eu vi de manhã é o único desafogo da vila e tem um coreto onde a música não toca; as duas principais casas de espetáculos — o teatro e o tribunal — estão juntas; os dois hotéis estão defronte um do outro; a cadeia está ao pé do cemitério, paredes ruínas; o comendante da Escola Prática mora a dois quilómetros de distância; e, finalmente, há umas cinco ou seis farmácias!...

Por isto não se pôde fazer ideia do que é Torres Novas; não me subretento aos dados que aqui deixo para que, do futuro, com um pouco de imaginação, se possa reconstituir uma Torres Novas mais pequena e talvez mais feia...

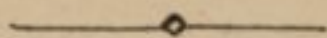
Mas, ao norte, eleva-se abruptamente, o monte do castelo que o Almonda contém em parte; lá de cima, de sobre as muralhas ruínas mal conservadas, o panorama, comprando não seja de grande ex-

leusões, não é, contudo, máu de todo: ao norte a serra de Aire coberta de oliveado espi-leirado; para o poente uma serie de colinas mais ou menos cultivadas que se perdem encostadas umas ás outras; para o sul, a ondulação desce até se perder nos campos de Golegã; e em baixo, no raio do monte, vai o rio correndo entre verdura e sobre lavadeiras alegres que matam assim, um pouco, a vago tristesa da paisagem.

Bom dia tive dois dias ás minhas ordens corri tudo: fui ás Lapas, pobre aldeola situada sobre o rio e uma elevação abrupta; fui á quinta do visconde de S. João; fui ver as quatro-quedas, lugar pituresco onde ha, jun-tas, quatro quedas de agua e onde modern sempre muitos patos; fui algumas vezes á fonte do Lamego onde as lavadeiras batem a roupa alegremente; fui tambem como "artista" ver cair a agua do acude da ponte de Levada; assisti a uma audiencia onde o meu velho amigo Mario Dupre defendia um reu accusado de abrir a caixa a um patricio; e finalmente, com o sobe amigo condiscipulo, fui jantar uma tarde á Ribeira Velha, com a avó, boa velhinha de 70 anos que me con-

Teu histórias do sr. rei Dom Miguel e falou
sua rapas reminiscências dos franceses.

Este jantar foi, eubá, particularmente
agradável, naquella sala por deuma aldeola,
entre gente boa, ouvindo histórias remotas,
recordando, com o Mario, histórias mais
recentes do tempo de estudante; e teria sido
a melhor ceia de Ternes d'outras se, a meio
do jantar, não fossemos interrompidos por
foguebario e vivário insolito: era o seu da
audiência da tarde que ia, com cópia de gen-
te alegre, agradecer ao advogado a sua justa
absolvição!



Castelo Branco

Castelo Branco.

1914 : 23 de novembro.

Dou o dito por não dito. Julgava que o frio não era muito e dizia que não tinha que me espantar.

Final, ontem, com o arrefecer, a temperatura começou a descer, a descer, a ponto de, durante a noite, chegar a 0° e me deixar, no quartel, a tremer.

O temporal, com o cair da tarde, aumentou e durante toda a noite a cidade esteve sob uma barragem desenfreada, com um frio intenso e uma ventania terrível.

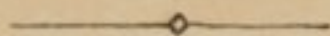
De manhã amanheceu um pouco; depois o céu limpou quase por completo; os horizontes tornaram-se nublados; e a neve de Guardanilha apareceu coberta de neve, sobberbamente, destacando o seu perfil sinuoso todo

branco, quase metálico, sobre o marriço imponente da Estrela.

Mas o termómetro deu-se ao luxo de descer abaixo de zero . . .

Durante o dia esteve entre 4 e 5 graus, com sol limpo!

Estão aqui erbas com fricinas.



26 de novembro

Estive lá pouco no castelo, de lincoelho, olhando á roda.

É o meu refugio em dias de horizonte limpo, para fugir á cidade que não tem atrativos.

Lá estão a serra da Estrela já coberta de neve nos altos; mais á esquerda as serras mais baixas da Campilhos e da Louren; para sudoeste o bosqueirão do Rodão, de rochedos alterosos; ao sul o Castelo de Vide, Marvão, destacando-se sobre o fundo da serra de S. Mamede; a leste e sudoeste, a Espinha, largas planícies ruas, sem fim, a perder de vista; a poeiris, seguindo ao norte, Moutinho, mouro abrupto, Penamacor com o seu ninho de aguias; e por fim, fechando o

circuito, a Guardunha, de perfil recortado com arte que nem descer, aos relevancos na planura da direita.

É um ponto de vista soberbo, este castelo; ninguém dirá que de tão fraca elevação se abraça tanta largueza de terras; e como é variado, correndo a circunferência, as horas passam, naquelas ruínas, sem custar ~~uma~~ nada. Em baixo, na cidade, festeja-se e jubila-se; ali, ao menos, a vista é larga e o ar é puro.

30 de novembro

Como de ontem para hoje estive de serviço no quartel, vi esta manhã, e' claro, romper o dia.

Conferme o meu costume, á alvorada venho para fora ver o clarear do céu e o aparecimento das nebulas; mas hoje, o dia appareceu esvovado, muito exquisito, com um alvorecer acizentado, que vinha intristecer mais o aspecto do largo e da casa ria em frente.

Contudo, havia o movimento da feira que fazia esquecer o feio da madrugada.

Ainda de noite, começaram a chegar ao grande largo fronteiro muitos carros puxados a mulas com coberturas de lã; pouco depois começava a zafama de alinhar as viaturas e armar os balcões de negocio nos arreamentos proprios; o barbaquinho de centenas de pessoas aumentava; e quando o dia nasceu a feira estava a postos.

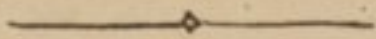
Aproximei-me, então, para observar aquella diversidade de trajos e aquella uniformidade de

Lá estavam os homens do Monforte da Beira, com os seus galeões de capuz que sustentam na cabeça e por cima do qual põem o chapéu; vi os homens de Malfica, com os seus calções de burel com uma fileira de botões aos lados e polainas do mesmo panno abotoadas com dúzias de botõesinhos brilhantes; lá andavam mulheres das terras de Oleiros, com saias amarelo-tomado e largas capas de paragona, quase á espanhola; Também vi as mulheres das Sarzedas sustentadas numas caprinhas curtas de burel, com capuz debruado a preto; — e tudo isto girava dum lado para o outro, no seu continuo agenciamento, falando, dis-

cutindo, ás vezes gritando, de mistura com a gente incaracterística da cidade e seus aros.

Percebi os arruamentos se de predominam as fazendas da Covilhã, Tortosendo, Teixoso e toda aquella região de quedas de agua; vi as olarias de barro preto do Distrito; e multidões mercenarias da terra e arredores; algibeles seus feições características — uma amalgama de arbores para usada que jubifica e exuberantemente o nome de «feira» e á volta da qual formiga uma multidão que procura o mais barato, que negocia com os vendedores e que por fim, mais caro ou mais barato, lá vai levando para casa conforme a necessidade.

É um espectáculo movimentado e curioso que se repete todas as semanas, ás segundas-feiras, e que nesse dia, por umas horas, uma certa vida á cidade — sempre adormecida á porta do seu castelo, olhando com indiferença a vastas planícies que se lhe abrem em frente á espera que se lembrem de lhe metter um arado.



7 de dezembro

Temos de vêr o inverno. Ha quatro dias que chove constantemente. O vento é sul, mas, mesmo assim, a chuva é fria.

Passo os dias em casa, ou a passear no quarto como um penitenciario na cela, ou a conversar com os hospedes permanentes do hotel.

Ontem, porém, me lembrei-me, por ser domingo, de ir ver como a cidade era nos dias santificados e com máo tempo...

Triste desejo!

As ruas estavam desertas; mesmo em outra janela, apparecia umos cara de homem ou mulher com ares desconfiados; sómente nas casas onde havia reparias estudantias da Escola Normal é que se veia gente e havia bulicio. No mais, um silencio envolvia tudo como em cidade abandonada!...

Contudo, nota curiosa: se eu de repente me voltasse para traz e olhar para as janelas, sempre havia de topar com um ou outro olhar curioso que immediatamente se retrahia...

É a espionagem organizada aos incautos que julgam a terra ás nuéscas... Não: a cidade está vigilante; e mal vai áquelles que julgam, pelas suas desentões, que podem andar em liberdade.

23 de dezembro

Cada mês está mais frio! Hoje, o vento do norte corta como navalha de barba; está insupportavel. Os parras estão cobertas de néve; o vento, antes de cá chegar, passa por elas e recebe o frio todo.

Depois de chuvas torrenciais, verdadeiros caudais de agua que desabavam do céu sem apelação nem agráo — veio a neve nas parras e o frio certante.

Hoje o termometro, no meu quarto, ás 3 da tarde a que estou a escrever, com tudo fechado ha muito — marca 6 graus acima de zero!

Os parras vieram com furia; os meus dedos são uns traubôlhos — e lá fôro eu sinto que o vento zene com finura, procura as frestas da janela para entrar e criminosamente fazer descer o mercenário na co

lena do termómetro! Que lhe hei de eu fazer? As mãos estão quase inertes e mal seguram a caneta.

É ouvir eu o medico do batelão a dizer ha pouco que ontem, em Lisboa, andou sem sobretudo, com uma temperatura amena, sob um céu de delicia e revendo uma safagem tépida do mar!

24 de dezembro

Noite de natal; estou no quartal de parvico.

Está uma noite fria, mesmo muito fria, e que sopra um vento constante do norte; o céu está estrelado, muito estrelado, sobre um fundo bem negro depois que a lua desceu sobre as pedras.

Lá fora ouve-se uma alegre algazarra, uma ruidosa cantoria — costume tradicional na Beira Baixa, nesta noite em que se celebra na praça principal das povoações um enorme madeiro.

Fonda a alegria lá fora, ao frio e á neve; o fogo põe um espirais; por sobre os telhados vê-se a luz irregular da fogueira.

Não sei a significação de tal costume; é talvez uma reminiscência das festas pagãs dos polibícios, na altura em que a natureza mais profundamente se transforma, mas que chega até hoje sob o ~~aspecto~~ aspecto prosaico de um bando de raparitos que de casa em casa pedem bocados de mudeira e os vão amontoando no largo de Sé em frente á porta de entrada, para á noite lhes lançarem fogo estra- zana medonha.

Aqui está a festa do Natal, em Castelo Branco, sob uma noite estrelada, com um frio agudo de refassar.

Lá fora andam bandos de raparitos a cantar; correm as ruas na algazara e depois vão aquecer-se ao braseiro do largo de Sé. É em aqui estão, neste lugubre quarto do oficial de dia, vendo pela janela e por sobre os telhados o clarão da fogueira tradicional.

Aqui perto, na Idanha-a-Nova, nesta noite, segundo me disseram, queima-se o mether mudeiro dos arredores. O povo vai arranca-lo á propriedade onde ele estiver, tráz-lo para a vila, em triunfo; e ali fica toda a noite a arder, a arder, até que, quando chega a manhã, e o povo recolhe ás casas, o pol

muitas vezes, nem apagar as ultimas faí-
lhas volens do sacrificio.

Mas tenho as mãos muito frias; vou
calçar as luvas.

25 de dezembro.

Dia de natal. Ainda estou no quartel!

De manhã, não resisti e fui para a sa-
la dos officiais das metralhadoras onde havia
braseira — apesar dos meus protestos contra
este genero de envenenamento. Mas o frio
era intenso: em frente do quartel, um fio de
agua que corre sempre numa valeta, estava
gelado; o termometro do observatorio do Li-
ceu marcou, durante a noite, 5 graus abaixo
de zero; o azul do céu e' turvo; e para o nor-
te, as serras cobertas de uma neve encantado-
ra. As frieiras aumentam a olhos vistos e a
noite parece que se transformou em leve
tecido de verão.

Se sempre foremos para a guerra, o que
será a vida nas trincheiras de neve?

1915: 4 de janeiro

Ante-auteum, o gerente de uma das fabricas de meagem de Carbelo-Branco e que está no meu hotel, convidou-me para ir a Covilhã, num rapido passeio de automovel.

Lá fui. As 8 h. e mais da manhã largá-meos, apesar do aviso do terminal temporal que estava a ser que a chuva diluviana caiu sem do meu piedade; mas a manhã compensa-me, o vento rondou ao norte, o sol reapareceu e tudo prometteia, aquella hora, um dia seguro de inverno.

Com o andamento do carro, o frio era constante; e frente, a Estrela estava branca, toda branca, de modo que, as faces cheparam a perder o movimento e tive a impressão de paralisia — especialmente quando se fez a travessia de Guardunha, e que, depois de umas curvas de grande pitoresco se entrou nessa beleza da «Cova da Beira.»

A ameaza da paralisia foi, pareceu, compensada pelo soberbo espectáculo dessa região ainda refornada das cordas de agua caídas durante a noite, e já a reflectir a neve dos pontos altos.

É então, aquella parte de fundo da pen-
ra da Estrela, todo branco, com um ou ou-
tro risco negro das guilherdas a destacar,
era duma beleza excepcional e, para mim,
desconhecida.

No Fundão houve uma ligeira pane
gem e ás 11 horas estávamos na Coritha.

O tempo tornou-se; a neve succubiu
se; vieram umas barrascas de grama que
fustigáram ferozmente as vidraças da casa
do mestre do hotel e da alucinação; e quan-
do saí á rua para ver a terra e os panora-
mas começaram a cair neve, uma neve fi-
na, em pequenos flocos muito leves, como
algodão, e que se fixavam na roupa como
frintas brancas.

Quando cheguei a um ponto alto, pa-
ra os lados do cimiterio e olhei á volta, vi
tudo branco; todas aquellas encostas esta-
vam cobertas de neve — e esse especta-
culo, para mim, foi uma novidade e um
encanto.

Nascido, criado e habituado ~~em~~ na
faixa temperada do litoral, eu nunca vira
coisa semelhante nem nos quadros e ...
nos romances; e o que me deu mais no

gôto foi a Mãe-Natureza ter guardado para este dia toda aquella variedade de peccarios e todas aquellas variações atmosféricas, como se propositadamente quizesse que eu não passasse dali sem ter visto o encanto de tudo aquilo...

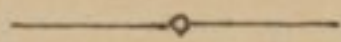
Matutava eu irbo, consentava para comigo que o Padre Eterno não estava tão mal como o herage que não lhe preparasse causas agradaveis aos olhos — quando, que se sem traunicações, começaram a chover, de começo chueva grossa mas espaçada, depois em torrentes de formar caudais nas ruas e de entupir as parqêtas.

Refugiei-me numa loja, na larga praça antiga; durante muito tempo ali estive meubido olhando a agua que corria abundante pelas calçadas e viam-se em subria pessoas que se aventurava á travessia — até que ás 2 horas e meia o automovel me veio buscar, de capota toda fechada, e lá me trouxe novamente estrada fora, mas agora por Tortozendo, para o Fundão onde houve-me outra paragem para o gerente da fabrica resolver algunos negocios e onde, de novo, a chueva amainou.

Quando se começaram a subir a Guardu-
nha, o tempo descobriu e outra vez o damo
da perra appareceu coberto de neve!

Estas mudanças foram o encanto da jor-
nada; havia frio, mas havia beleza.

Só na descida para Ilpedrinha é que a
neve nos deixou; e o resto do caminho, atra-
vez daquelas rectas infundáveis, perdeu o in-
teresse. Chegámos ás 5 e meia sem provida
de — além dos membros enregelados e, em
geral, uma excelente impressão.



28 de janeiro

O tempo tem estado terravesso; ontem
caiu neve quase todo o dia; o termómetro
desceu assustadoramente.

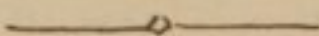
As frieiras voltaram com furor e gei-
tos de que rebeletaram.

Passo os dias por casa. Uma vez por
outra vou até um pequeno jardim onde pas-
seio para exercício; mas o meu passatempo
preferido é olhar para as serras todas co-
bertas de neve da varanda do meu quarto.

Hoje, então, estão uma beleza! A
Guarduinha, mais perto, brilha intensamen-

te ao sol; por detrás, o maciço da Estrela, imponente, como uma muralha de cenário fantástico; mais longe e para a direita, a Serra de Gato, já em Espanha, de dorso colossal, todo branco, também, a lançarem reflexos de espelho; e até o rio de Monsanto, com os seus 700 e tal metros exigidos, apresenta hoje um pequeno capelo nevado.

Se não fosse o frio — isto seria tudo uma beleza. Mas o frio não as frieiras que voltaram com furia e que ameaçam rebeletarem...



Porta Legre

Portalegre.

1940: 21 de abril

Agora cheguei mesmo real. A viagem é que é fantástica.

Enquanto a linha segue o vale do Tejo ainda há que ver: o rio segue em curvas serenas, algumas bonitas e os olivados ainda dão um tom suave a toda a paisagem. Mas, passada Alentejo, alegre e vistosa terra, num alto narrido, com soberbos panoramas, a linha põe para o planalto alentejano em curvas apertadas de enorme percentagem através de terrenos rochosos e agrestes onde se vê apenas o sobeiro e a urze brava.

Depois, cá em cima, entrando abertamente no Alto Alentejo, o que os olhos avistam é uma extensão enorme de terrenos

plenos, na maior parte charuecas, com le-
ves ondulações, sem arvares, sem casas,
nem uma desolação pavorosa!

No longe, muito ao longe, pôde appare-
cer uma elevação maior que se parecerá
com uma serra; mas de lá — e é
o deserto, é o Sahará sem areia e sem ca-
melos; é a charueca desoladora, onde ape-
nas a nota alegre é dada pelo auarelo del-
gum raro giestal!

É o comboio seguir, seguir sempre
através de planuras sem fim, se se avistar
uma aldeia, sem se ver a torre derrocada de
algum castelo antigo, sem um fumorinho
subtil dum chaminé campestre, sem a
verde alegre dum campo que marque a pas-
sagem fresca dum ribeiro.

Mas enfim, passadas tres horas de ca-
minho através da impindavel charueca, lá
cheguei á estação onde me esperava um ca-
no... Um carro!

Tive a impressão de que era uma pége,
uma suburbica pége de outros tempos e,
mesmo assim, já velha... O anacronis-
mo deu-me no zôto e deu-me verdade
alegre de vir!

Imagine-se um caupé fechado, com uma largura descomunal aude caberiam, eu sei lá! umas quatro pessoas talvez, feixado a duas mulas arreadas á alentejana com peles de raposa ao pescoço; dentro, o fôrro era um oleado barato; e por baixo, sobre o eixo, vi um rudimento de miólas!...

Quando cheguei á cidade meúdo do rodar do carro, ainda assiu adocçado pelo bom piso da estrada — estavam as avaras a lançar a ultima pedreira sobre a terra pedregosa. Depois da charueca, o aspecto da casaria não desagradou, encobrida á serra, sobre oliveiros e castanheiros; a luz do crepusculo uniformizava um pouco o pccuario e diluía os pccões de tudo aquilo.

Mas hoje, á luz do sol, tudo desceu do benevolente escurito que ontem farusei á luz suave do sol presente...

A charueca lá está, a perder de vista, incensa, infindavel, incomensuravel, sem relevo, sem atracção; só o brato, ali adiante, aparece na arlita do linculo, com alguma casaria branca, sobre o negro

me do polo; o mais é a polidão, a desolação, o silencio.

— o —
22 de abril

Ontem, corri a cidade toda, numa volta rápida.

Terei um ar de veterão interessante em que predomina o gosto dos fins do século XVII e século XVIII; ha esplendidos palacios antigos que com a pouca largura das ruas nos dão uma curiosa impressão arcaica; ha arcos atravessando as ruas e nichos de santos com lampiões votivos.

Attenha em que a cidade está assente é malgans pontos pitorescos; a mesma certa asperidade tipa a alegria dos castanheiros e o ar triste das oliveiras.

Mas, se olharmos para o sul e praente, é tudo a mesma planura enorme, extensa, incomensuravel, com uma columna de fumo que indique aldeia, com um riacho alegre que denuncie corrente de agua; é a mesma tristeza monotonica, a mesma desolada extensão deserta, sem fim, que conca a vista.

At terra, parece, alegre. E eu souteu, sobre a tarde, passeando por umas estradas, olhava com simpatia para cima, onde ha penhascos enegrecidos envolvidos por oliveiras resistentes e onde se ve o claro dos castanheiros que agora, alegremente, commecam a rebentâr.

Pequenos recantos, lembrem, de relance, pequenos trechos do Minho; tem certa alegria e certa vida; mas para baixo... La' está o deserto, a planura sem fim, que subistêce e esmagã a alegria á bruta...



27 de abril

Hoje levantei-me ás 5 horas da manhã e assisti a uma bela madrugada.

Como a atmosfera estava limpa, viam-se ao longe umas casas do Alter do Chão, desenhava-se bem o brato, o Plan de Bessa de tradições historicas e a extensissima planura que vai a perder de vista até não sei onde.

Estava frio; havia um vago crepúsculo de inverno que me fez embrethar no cofe; e ao romper do sol, a planicie commecou a escher-se de luz dando alguma cor e

alguns tons ao aspecto uniforme da vasta
extensão de terra chã.

Nas madrugadas limpas, feis como is-
tô é', he qualquer coisa que agrada e que nos
faz estar a olhar, a ver, a observar, era uma
casa que brilha ao longe com o aparecimento
do sol, era a cên negra dos azinhais que se
avulsa um pouco com a intensidade crescen-
te da luz, era um ou outro tipo de contorno
que purgia aquella chã uniformidade.

E assim eu hoje cobirei uma grande boca-
do, de manhã, a ver a planície tomando va-
rios aspectos, colorindo-se, animando-se,
mas mentalmente fazendo o contraste com
essas subnas madrugadas que eu via apa-
recer dos altos das muralhas de Valença,
com o largo rio em baixo, ainda um pouco
coberto de neblina, com os campos verdes e
exuberantes, com a terra em frente de con-
tornos graciosos e recortados — enfim um
subno conjunto bem mais belo e amigão
que essa extensão colossal de charueca e
de montados, de azinhais e polezeirais, um
ma desolacão enorme, como se fosse
uma terra ao abandono ou um vasto de-
serto sem fim.

Valer - me esta madrugada, talvez, pa-
ra não ir só a dizer mal do Ilhebejo.

Mas quando voltar a ver o Mondego...

7 de julho

O calor aperta e, com frequência, isto
não é calor como o do norte, é calor de Afri-
ca, como se houvesse em volta de nós al-
guns ferros a arder.

No meu quarto, com chão de tijolo, de
tecto bem alto, na parte fresca da casa — ve-
lho casarão fidalgo, ruído em ruínas, ainda
parece que deve haver corujas que esvoaceem
à noite, ao acender de uma luz — a tempe-
ratura não era baixa; dormi de janelas aban-
da; e de madrugada o ar que entrava era
já quente!

Se isto assim continua, como se ha-
de viver em Barbalegre?

8 de julho

Cheguei ha pouco do quartel e logo me
estendi na cama, moído, massado, como
se, durante a noite, me estivessem a ba-

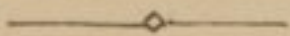
ter com os classicos pacos de areia A boa
foricão horizontal, de abandono, é a unica
compativel com este calor africano.

Sai de inspecção; e como a noite está
muito abafada, miãna, passei-a, quase, na
varanda de tijolo do quartel, na esperança de
que, sobre a manha viesse algum fresco.

Mas qual! Os quadros da madrugada ha-
via a mesma temperatura amornada, como
de dia abafado de primavera.

Isso não é Barbalegre, terra de Portugal
jardim de Europa: isso é Africa!

Passei a noite assim, sentado, deitado
sobre cadeiras seguidas, dormitando, ou fa-
zendo uns curtos passeios para não encharpe-
cer. Vi romper o dia sobre a planicie suar-
me e peubi — vá lá! ao menos vatha-mos
isso! — o sorriso alegre dos castanheiros da
serra, que me lembravam os meus pitios.



10 de julho

Cheguei agora de um passeio a pé, pela
serra que domina a cidade. Depois do almo-
ço, para fazer a digestão, com um livro do
Fialho, eis-me aí vou, estrada fora, serra

acima. O dia está fresco, com o sol entre nuvens e vento frio — como que a queres desmentir as minhas queixas; e eu fui vagarosamente subindo, parando aqui, parando ali, vendo cada vez de mais alto a vastidão da terra chã, vendo cada vez melhor o conjunto da cidade, me encosta em baixo, desdobrando o casario até ao vale que ali se aperta e afunila entre eucaliptos e azinhais.

Até vezes pousava-me sobre uma pedra de granito musgoso, por debaixo da copa dum castanheiro e lia um pouco, enquanto na estrada iam subindo, a cavallo, homens e mulheres, sobre alforjes atacadados, e que, com o ar despreocupado e franco de gente afeita á independência, iam dizendo ás boas-tardes, recammente, sem levar a mão ao chapéu; e eu ia lendo um pouco da prosa do Tizho, sob a pomela do frondoso castanheiro, irrução de muitos outros que por ali cobrem a terra e lhe dão frescura e beleza.

Lá em baixo, muito em baixo, estava a planície a perder de vista, sem a branqueira de casas aglomeradas, sem o britho de-

uma corrente de agua que tivesse e se es-
tirasse sobre os tristonhos azinheiros.

Fui pulando penhas, vagarosamente,
vendo, observando, procurando impressões;
quase ao alto da pedra, a estrada faz uma
curva para a direita e deixa ver, para o nor-
te, ~~uma~~ de penhas, umas pedras esculpi-
das com a crista dentada de rochedos e por re-
trae ela, mais distante, recostando-se num
massão de rochas estroqueçadas, o perfil
de um velho e forte castelo.

Seria Marvão?

Não o sabia dizer porque, pela primeira
vez via aquella região e não levava carta pa-
ra me guiar; mas devia ser Marvão, cujo
castelo esculpido num penhasco de agulhas do
pinho, em pedras, muros e vales.

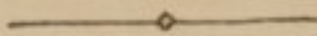
Continuei o meu caminho; e quando a
estrada, transposto um pouco de plano sobre
castanheiros novos, ainda tenros e finos, come-
çou a descer para um vale, de novo me
parei e lei, ao fresco daquelle ponto a for-
mação e vendo ao norte, indistincto, como a
parelha de um monstro colossal que para ali
se lançasse, o castelo grandioso de minha
terra da Brébela!

Ah! a Beira! Lá estava ela! Por detrás
daquelle nullo avarice, confuso, sobre lous-
mas, corria o Mondego descuidoso...

Senti-me bem. Passava, ás vezes, gem-
te na estrada que amavelmente carbejava;
havia fresco sobre aquella vendura tenra; ha-
via pocego, tranquillidade, solidão.

Senti-me bem — tão bem quanto se
póde estar longe de tudo e de todos, lançado á
margem, vivendo na pauidade duma vida di-
ferente; mas naquella passagem e naquella
frescura, eu esqueci quase tudo, vindo ao
longe, como um vago negrume, ou como o
confuso dorso dum gigante caído, essa perre-
da tábua a cuja sombra vivi, a cuja pau-
lra vive essa Beira dura, tenaz e forte e
que, pegando ali mesmo li no Tialho, sobre
carbanheiros, é ainda a mais impolita ora
da familia portuguesa.

Por fim, voltei para trás, descendo a es-
trada em curvas, com a planície inmensa
sempre na frente, e sentindo que em baixo
o vento soprava com força e arrastava nu-
meos cinzento de nervos pesada.



13 de julho

Ontem, pela primeira vez, em Portalegre, vi senhoras!

Foi no jardim, alameda ou passeio que ha ao fundo da cidade onde a banda do regimento toca aos domingos e quintas-feiras.

Bandas de damas passeavam para baixo e para cima, conversando, olhando, perguntando cousas umas para as outras; algumas, sentadas em cadeiras ao longo da rua principal, limitavam-se a ver quem passava em frente.

Que pensabaria!

As damas, e' certo, eram muitas; mas seu ar de distincão, pareciam damas de aldeia... Os chapéus usados são ainda de pouca roda; as saias, pelo contrario, têm ainda uma vasta roda quase arcaica...

Uma ou outra lá apparecia melhor, com aspecto mais fino; mas a regra era o provincialismo autentico, seu misturo, como de quem está mais habituado a lidar com varas de pauco do que a calçar luvas...

Isso é terra exquisita. Se tem algum atractivo, ainda não dei por elle.

E cautudo, esta gente parece viver satisfeita se é que não vive feliz...

Bom pouco o homem se contenta!

13 de julho

Ontem, á tarde, com dois amigos,⁽¹⁾ fui estrada feia, carrinho de Castelo de Vide.

A estrada segue por um vale em cujas encostas ha castanheiros copados e aqui e alem, ha, sobre uns muros de quintas, pedrueiras que alegrem a paisagem e lhe dão um ar humano. Logo aos primeiros passos a planície, em baixo, desaparece e nós só vemos as pedras pequenas á volta, mas cobertas de vegetação, que limitão o vale que é fértil e que tem o seu quê de pitoresco.

Ali, na verdade, esquece-se a gente de que está no Alentejo e de que ali perto a planície se estende a perder de vista com charuecas, com azinhais murados e com grandes módas amarelas de campos de cevada. Ali ha arvores, ha vinha, ha pedrueiras.

(1)eram o alferes Aurelio Nunes da Silva e o empregado do Banco Luis Lopes de Almeida.

entre muros brancos de quintas; ha telhados que surgem da copa das arvores, espreitando; ha fontes de agua fresca; ha enfim, qualquer coisa de credito neste terrido Alentejo que surpreende e que faz esquecer a charueca lá de baixo, inmensa, e perder de vista.

Seguiamos estrada feia, conversando, quando um carro chegou, vindo de Portalegre, com dois rapazes amigos dos meus companheiros de passeio; ofereceram-nos o carro, deixáramos, e lá fomos todos, estrada acima, por um cair sereno e esplendido de tarde, vendo esfumar-se no horizonte de Espanha o céo gracioso duma terra e parte, confundindo-se com o escurecer, as arvores que cubriam a terra baixa.

Gostei do aspecto geral da paisagem e lembria-me bem porque, ao menos, no horizonte, recortavam-se serras e nas encostas proximas havia arvoredo.

Ansiácese; o luar deu luz para o passeio; e pelo-caminho, onde ha uma ponte sobre uma ribeira (creio que a de Niza) voltámos; e então a paisagem parecia-me outra, talvez melhor, e qualquer coisa havia nela que me lembravam alguns pontos da

Breia . . . Mas, de repente, numma curva, surge uma luz electrica; depois subna, outra ainda e dentro em breue a cidade apparece illuminada.

O carro publico nos aciuma, até perto do hotel; e ao entrar no quarto e ao fechar da janela, lá vi em baixo, ao fundo da rua, como o mar sem fim, a vastidão da planície, quase uma ameaza, e á qual o luar dava um tom escuro de terrases.

14 de julho

Hoje estee de perivico no chamado quartel de Santo Agostinho onde estoi alojado em batallas.

E' um convento pequeno, de claustros rectangulares, de onde se vê um curioso pennis subigo por entre as curvas das arcadas; é muito mais fresco do que o subno; tem pavimentos de tijolo, as abobadas baixas; e a situação em que está deixa-lhe subnar o vento á vontade.

E' um pocego. O perivico aqui é quase um perivico de refresco . . . O quarto tem uma varanda que domina a encosta onde ha

ues quindalejos verdejantes nos quais esprei-
tam ues pequenos, minusculos pomares; e
domina, sobretudo, a enorme extensão de
plarricie que se puzer a leue, no horisonte, co-
mo o mar, numa curva defimida.

A luz é que é de uma iubeuridade eua
modativa; iuepressiona pela brancura e pe-
rece fazer dardejear a plarricie.

Boitados daqueles que lá andam eua baixo,
curuados sobre a terra, ceifando, ceifando, com
o pol a faiscar-lhes nas costas, eua o pó das
ceáras a ferir-lhes os olhos, com a boca seca
numa enorme turtura de sede!

E eua eua britho de agua eoleando, eua
eua cheujo agitando a calura atmosfera!

17 de julho

Benho, agora eua eua, deum excelente pas-
sio, que afinal é o que uale nesta pauuabo-
ria de Pantalegre.

Ha muito que eu olhaua eua interesse
para o resente da Benho que se eua perto, pob
eua ferua comica, penhascoso, e no ciemo
do qual eu uia eua alterosa cruz branca.
Pois hoje, á volta do quartel, olhai para o ho

nizonte e vi-o claro, nítido; olhei para o céu e vi que umas nuvens esbranquiçadas que o toldavam se deviam conservar.

Meu dito, meu feito; tirei a farda, vesti um fato velho, peguei o binóculo a tiracolo e aí vou eu, por atalhos ao valeiro fundo a frente da cidade, atravessei a estrada do Grato e pacientemente comecei a subir a encosta, pelo dorso do monte, que apresenta uma espinha de rochedos esmagados, sobrepostos, dentados, que são, talvez pontos, bem interessantes.

A subida é curiosa; e em varias vezes parava, olhava em volta, para os successivos aspectos que iam aparecendo. Ha apenas um atalho estreito, muitas vezes sobre as proprias rochas que segue a crista do lado do nascente; perpendicular por sobre pedregais que agora, com a falta da cortiça, têm o tronco amarello como pintado a ocre; talvez pontos encosta-se a altas paredes de rocha, com mais de dez metros de altura, a puzmo, como se o homem andasse por ali a alinhar e a apurmar.

Subi, subi sempre, vagarosamente; pensando na minha vida que por ali me fa-

ria andar debaixo de polveiros, pisando galhas de cortiça que ficaram pelo chão e sob as quais se acoitavam grandes lagartos verdes, conservando grandes rochedos imensos, polveiros, malgemes, pontos pitorescos e outros os quais cresciam fetos bravos e um ou outro sobreiro contorcido.

Em baixo, o vale ia-se estendendo, alongando-se, sob castanheiros, polveiros e eucaliptos.

Por fim cheguei. Em cima, uma cruz branca, brancas sobranceiras, com um pára-raios, á cautela, por semelhante vigilante; o atalho, subiu, torceu, subiu uns degraus, curvou á esquerda, curvou á direita, meteu-se por sobre pedregalhos que pareciam que me esmagavam — até que de repente, perturbado novamente, nos deixa ver um espectáculo que, na verdade, é esplendido.

Na frente, começando do sopé, lá em baixo, para onde a encosta vai a prumo, estende-se a imensidão da planície alentejana; lá ia ela, mundo fora, até desaparecer nas brumas do horizonte, sem um alto, sem um baixo, com uns riscos brancos de montanhas que lá vão á terra do sul, sem um

umico brilho refulgente de uma pequena corrente de água.

Sentei-me, recebendo um certo fresco agradável; sentei-me á sombra da cruz, vendo zumbir moscardos e vendo grandes borboletas multicores voarem á volta.

Dirigi o binóculo e olhei em volta sobre o vasto panorama.

Tinha ao nascente a Serra de Portalegre, coberta de castanheiros, com a cidade na encosta bem rodeada de verdeira; por detrás a Serra de S. Mamede com os seus mil metros de altura, já na raia de Espanha; a seguir, sobre a direita, os declives, quase em precipícios sobre a planície onde se vislumbrava, de longe em longe, uns pontos brancos de casaria; e para a direita, sempre, até o norte... ah! a mesma inmensa planície, a mesma vastidão de terra baixa, com uns típicos riscos que devem ser estradas, com manchas amarelas das ceáras e outras manchas escuras de azinhais e pólveros.

Oh tristeza que aquilo causa!

Lá vi, altéross, a velha igreja de Flor da Rosa e lembrava Nuns'elvares; lá vi Altes, o Cerato e outras terras distanciadas por lon-

gas leguas de estrada. Sobre a direita, sempre... aí! lá estavam, muito ao longe os contrafortes da Estrela! e ainda mais a direita, sobre uma serra de perfil gracioso, o penhasco gigantesco, esbranquiçado, sobre o qual está Marvão, onde distintamente se veem as velhas torres do castelo.

Pela primeira vez, em Santalógro, gostei... Em baixo, o vale é fértil, lembra um pouco a Beira; mas para que o prazer venha é necessário pôr esse pequeno vale alegre em contraste com a planície, do outro lado, inmensa, incalculável, como o mar...

24 de julho

Como é domingo hoje, lembrei-me de ir ver o mercado que se faz lá em baixo, no Pocio, sob a cúpula dum inusado platéu centomário.

Fui. Estava já um calor abrasador. O sol escaudante; se algum vento quente era abafado; as paredes brancas chispavam lume; as próprias ruas pareciam queimadas!

Causa terrível, este calor alentejano, esta atmosfera de ferro!



Salão  Recreio

DOS

SARGENTOS E MUSICOS D'INF. 22

RECITA DE CONVITE

Portalegre, 27 de julho de 1910

ORDEM DO ESPECTACULO

OS CREANCOLAS

Comedia em 1 acto

PERSONAGENS

Helena A. d'Oliveira
José Nunes

UNIÃO IBERICA

Comedia em 1 acto

PERSONAGENS

Pepita A. C. Nova
Antonio Dias Santo . . . Santos

MONOLOGOS

Por. A. d'Oliveira e Nunes

Está cá o Augusto

Comedia em 1 acto

PERSONAGENS

D. Rosaria A. d'Oliveira
D. Magdalena A. C. Nova
Augusto Duval Casaca
Augusto do Val Santos
Cezar de Vasconcellos . . . Nunes
Valentim Maia

Principia ás 9 horas em ponto

O mercado nada tem de notavel além da originalidade dos arranjos de taboleiros que collocam no sabado, á noite, sobre uns cavaletes e das laucas de barro de formas estranhas, tambem em arranjos.

O mais é vulgar; contudo notei a enorme quantidade de taboleiros com ~~uma~~ coloráu que era vendido em grandes cartuchos e que meotá terra serve de condimento para todas as corridas. Nem abrir e fechar de olhos vendiam-se arrobas de coloráu!

E hei de eu andar com paude!...

Voltei vagarosamente para cima, fazendo uma paragem numa Havana da terra que tambem vende assucar, café e outros artigos de mercearia, para passar os olhos pelos journals; e depois vim almoçar á espera de ver no prato, sobre a comida mais innocente, a cã avermelhada do real dito coloráu.

Dizem que á noite ha arraial num dos largos da cidade.

Arraial!... Chamem aquilo arraial, como se um arraial fosse coisa susceptivel de se fazer em Barbalegre!...

25 de julho

Ontem dei o passeio classico de Portalegre — ou seja «a volta da serra», passeio que logo é aconselhado á guisa que de fãra têm a sua ventura de cair nestas paragens estranhas.

Na verdade, a serra de S. Mamede, têm escondidos uns vales que são bonitos e interessantes embora não sejam o que dizem os portalegrenses — o que ha de melhor no país!

Nem mais nem menos.

Não, não é o que ha de melhor no país, mas é uma coisa bonita, principalmente pela originalidade das encostas cobertas de castanheiros meados e tão juntos que apresentam o aspecto nacio d'um tapete.

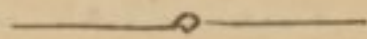
Nessas encostas ha muitas pitorescas, onde ha jorros de agua fresquissima, pequenas arvorezcas de alamos e platanos enermes; aqui e alem, por entre a verdura, ha cariteus perdidos; sente-se a passagem alegre em gorgheios altos. É um oasis, ali, entre valeiros, escondido ás vistas de quem anda ou passa na planicie, com pombas

ressuais e águas murmurantes. Gostei, embora tenha visto melhor, muito melhor.

O que mais me impressionou foi a macieira das encostas onde os castanheiros tenros se unem, num tapete só, acudando suavemente com o vento, dando um aspecto inédito para os meus olhos e encantador para quem, como eu, está cansado de ver a planície aberta, seia, perdendo-se no horizonte com a mesma suavidade e a mesma aspereza.

Parei nas quintas, nas fontes pitorescas, nos pilões onde a beleza do conjunto mais me prendeu a vista. E quando é volta, na descida, numa curva, a cidade nos apareceu em baixo, numa encosta, o que se depara é, á primeira vista, impressionante pela vastidão e pela grandezza; mas a seguir, os olhos habituam-se e lá vemos a mesma planície sem relevo, perdendo-se, ao longe, na neblina da tarde...

E aquella macieira das encostas cobertas de castanheiros esquece e esvai-se num momento como coisa longínqua.

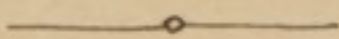


11 de agosto

Hoje, o calor, apertou. Sinto hoje o tal
 pol cariscante que faz tuzir e brithar as pedras
 das ruas e dá um ar potúrno á plamicie escu-
 ra. A atmosfera é pesada e dumta certa
 opacidade em que se vê o azul-escuro do céu
 pesando sobre nós, escaudente, como querendo
 queimuar-nos.

Isso, ao mesmo, dá para impressões lite-
 rarias. É o que vale.

Derrete-se a gente, como num forno,
 mas, ao mesmo, é novidade...



25 de agosto

Está hoje um pavoroso dia de calor...
 O mesmo ar abafado já tão mais conhecido,
 a mesma elevada temperatura que me leva
 a ter o quarto sempre fechado, quase às escu-
 ras, pois que qualquer corrente de ar que de
 fora vem é como se viesse dum forno.

O corpo sob a pedir indulgencia, descan-
 ço, inação; os nervos negam-se contra a
 vontade, parece que paralisam e que em nós
 só dormina o que é adiposo...

Esbocei os pontos, neste quarto, e ajudar
 meu capitão na factura de meu relatório, mas
 ajudei-o deitado na cama, porque a posição
 vertical é difícil de manter.

Isto é a verdadeira bebedeira de calor!

A posição horizontal domina.

A planície aparece nestes dias baixa,
 num veu espesso de neblina que parece que
 se corta á foice.

É horrível.



28 de agosto.

Vou-me hoje embora, finalmente. Isto
 era, para mim, já, uma tortura.

Vou logo para Lisboa.

Quem para o homem do norte que se
 aguenta nesta terra?



Castelo de Vide:

Castelo de Vide

1940: 28 de julho.

Não esperava encontrar neste Alentejo inimigo uma coisa destas.

Estão, de certo, num oasis...

Ha poméras frescas; aguas frias, comen-
do sob folhas; panoramas extensos cheios de
imprevistos; recantos cheios de pitoresco; ver-
dura alegre; ar lavado e fino; e ao fundo o
recante grandioso e imponente da Serra da
Estrela.

Cheguei outono á noite; real percebi o
ocasiário que me rodeava quando me apro-
ximei da vila, depois de deixar á direita, ao
lusco-fresco, o muro colossal de Marvão;
vi apenas que o carro rodava por sobre
campos alegres e que perto se recortavam li-
nhas pinucadas de montes.

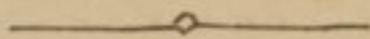
De modo que hoje, á luz do sol, eu
soltei exclamações.

Não estava no Alentejo! Não: não
podia ser; aquilo era um recanto alegre da
Beira: estas encostas geomórficas, estas ver-
duras frescas, este ar puro e fino!

E então este vale que corre para o sul,
limitado por nervuras de rochas altas, sob
as quais, descaí, no declive aspero, o pin-
heiro fino das altitudes — é coisa digna de
se ver, é um quadro bom em qualquer par-
te. Não: isto não é Alentejo.

De qualquer ponto alto vê-se Alentejo,
Gavião, o Rodam, Castelo Branco, Penamacôr,
e essa Beira-Baixa toda; entrando nas
ruas antigas, veem-se inúmeros vestígios de
tempos idos, desde as ogivas das portas, até
a simples arcação que o vandalismo ainda
conservou por favor.

Não: isto não é Alentejo...



Altér do Chão :

Altér do Chão.

1910: 24 de abril.

Depois de uma caminhada de sete horas
bem feixadas desde Portalegre, cheguei a Altér
com muita grande novidade.

Foi uma marcha sem interesse, das 5
horas da manhã até quase a 1 da tarde, atra-
vez de grandes plainos, levemente ondu-
lados, na maior parte incultos, ou cobertos de
azinheiras ou poleiros.

É uma desolação!

Através destes campos que ~~encontramos~~ atra-
vessei, não encontrei uma povoação, uma
aldeia; só de quando a quando, no alto de
uma elevação, via uma casa branca, isolada,
entre poleiros, a que chamam, neste Alen-
tejo irrimio — um mesite! São deser-
tos sem fim, sem paisagem, sem um

contorneo gracioso a fechar o horizonte que
chame a vista ou prende a atenção.

Pode-se, pois, imaginar o que foi esta
marcha grande através de desertos, nos quais
só se via, aos poucos, uma ceara de cevada
ou trigo, acedendo com o vento, em largos
arrepios.

Agora, sentado numa grande sala de
hospedaria, acho interessante a observação
dos costumes da casa; as filhas de dona de
casa, estão a falar a uma costureira, junto
duma janela, mas numa linguagem cantá-
da, que custa a entender; o chão é de tijolo;
as paredes irremediavelmente caiadas e o
tecto mostra as vigas grossas do telhado; em
volta, junto ás paredes, as arcas tradicionais
cobertas de pano branco com rendas e folhos;
e um canto uma enorme cômoda cheia de
garnetas e com uns castiçais — tudo a res-
pirar um ar lavado, como em regra nos
interiores alentejanos, que agrada e atrai.

O mais... que direi do Altar, nestas
poucas horas?

Terra de uérripas, já eu percebi que era,
gracias ao Supremo Deus do Universo! E já
percebi que amanhã, que é dia de festa rijs, a

pancadaria deve ser com estrondo e aparato... O administrador do concelho não consente que a filarmónica local (que é do partido contrário) toque na festança; os músicos deixarão as harmonias musicais e empunharão o cacete...

Vai ser bonito.

O que valerá é que, amanhã, dada a meia-noite, reunirei os homens da deliquencia e vou andando com eles, por aí fora, para olhar para trás, sob o olhar clemeute de tua cheia.

No resumo do dia, por esses azinhais Kristonhos...

... O que será uma madrugada nesta charuca sem fim?

25 de abril.

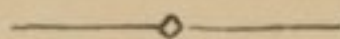
Estão fatigado e abarrecido. Verdade seja que dormi bem, mesmo explaudido como anjo, alto, de rodapé alvissimo, sem interesse para o quarto de chão de tijolo e paredes escuras e rodamente caiadas. Na rua havia carros e platéris, pareciam carros que traziam romeiros; mas eu dormi bem, e de certo que o interesse do quarto não foi extranho a isso.

Mas o arraial está desorganizado segundo me disse o administrador do concelho. Pouca gente chegou de fora para a festa; e conforme a opinião da autoridade, não deve haver alteração de ordem...

Bombudo, meusmo assim, para quem, como eu, nunca deserviu costumes alentejanos, isto tem certo interesse: desde os trajos pobres até a fala que é exquisita; desde os interiores das casas, irreconhecíveis de limpeza e arrumação, até ao aspecto externo das mesmas casas (as modestas, é claro) que têm o seu quê de africano.

Eis, porém, é que me não sinto com boa disposição para uma observação cuidadosa; estou desejando que chegue a noite para meber por esses meusdos pelo fim, pelo luar reinguanté, até ver receber o sol sob as azinheiras combarcidas, e pensando — sendo é volte o deserto adusto — se é verdade eu estar no meu país alegre de pastas, ou se na Africa...

Apesar de ter, a' frente, uma grandeza de de leguas, talvez me sinta mais satisfeito...



Portalegre.

27 de abril.

Gostei, afinal, da marcha de Alentejo - do -
Alentejo a Portalegre.

Parti de Alentejo, por volta da manhã;
atravesssei aquelles montados sob um luar ex-
plendido, por entre azinheiras tristes e cevaras
que, ao longe, davam uma extrema impressão
pão. Por um bocadinho veio uma batida de
agua, e houve frio; mas em compensação
vi um romper de dia esplendido, como nunca
esperiei, nas planuras ingratas do Alentejo.

Os tons que aquelles montados pela vida
tomavam com o aproximar da madrugada; a
variedade de cores que o horizonte mostrava
antes que o sol rompesse; os orgãos que
aquellas azinheiras contorcidas faziam com o
aparecimento da luz; todo aquelle conjunto
harmonioso que afinal era a luta da fealdade
da terra com a beleza do alvorecer de uma ma-
nhã húmida de abril; tudo era inédito pa-
ra mim e belas impressões me deu.

Mas... ai de mim! com o dia claro a
charueca voltou a mostrar-se tal como elle
era e então só desejei o terreno da viagem